

REVISTA MENSAL

Ave

ANO 106

R\$ 2,50

JANEIRO 2005

MARIA



www.avemariainternet.com.br



**AMOR
QUE NÃO
PASSA**

**INTERNET
E EDUCAÇÃO
DOS FILHOS**

A VIDA E O RELÓGIO

FELIZ ANO-NOVO

DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO PARA A PAZ DO MUNDO

(Continuação)

a) Para uma atitude de pluralismo religioso

• **Viver** o diálogo religioso em primeiro lugar dentro de mim mesmo pessoalmente, e dentro de minha própria comunidade, como uma atitude de querer escutar e aprender de outras religiões, estar aberto a conhecê-las, renunciar toda atitude de dogmatismo a priori, acolher criticamente as queixas contra nossa religião, reconhecer seus limites e pecados, e aceitar a possibilidade de uma revisão de meus esquemas “tradicionais”. Praticar pois, um diálogo religioso dentro de mim mesmo, de nossa comunidade, “intra-religioso” (Panikkar).



• **Estudar** em minha comunidade (comunidade de base, círculo de estudo, paróquia, congregação) o tema do pluralismo religioso. Organizar um pequeno curso, oficina, ciclo de reuniões de estudos ou inclusive uma série de palestras públicas. Estudar o macroecumenismo e o diálogo religioso.

Revisar a bibliografia sobre diálogo e pluralismo religiosos que oferece esta Agenda e ver qual destes livros podemos ler/estudar.

• **Ser capaz** de orar em um templo de outra confissão, de rezar uma oração de uma outra religião.

• **Eleger** uma religião (grande ou pequena) que é desconhecida para mim, e dedicar minha leitura particular, durante uns meses, em conhecê-la intelectual e cordialmente. Fazer contatos com pessoas dessa religião, estabelecer uma relação de diálogo ou de trabalho (alguma atividade conjunta) e cultivar sua amizade.

(Continua na próxima revista)

Texto extraído da Agenda Latino-americana-mundial 2003, com o Lema:
“A paz entre as religiões, para a paz do mundo”, p. 224.

Faça seu pedido

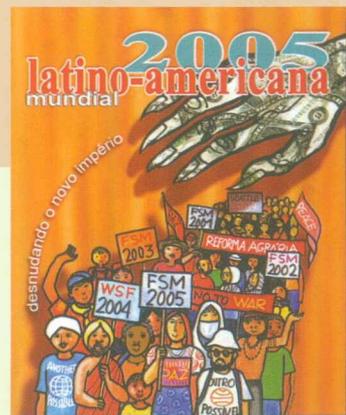
Agenda Latino-americana-mundial 2005

Tels.: (11) 3824-0149 e 0800-772 8585

<http://latinoamericana.org/brasil>

brasil@latinoamericana.org

R\$ 16,50





Revista Ave Maria

É uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CNPJ 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. A revista Ave Maria pertence à Congregação dos Missionários Claretianos.

Diretor: Cláudio Gregorian.

Administração: Nestor A. Zatt.

Divulgação: Hely Vaz Diniz.

Redação: Avelino S. de Godoy; Adelino Dias Coelho.

Diagramação: Antônia Portero Simon; Avelino S. de Godoy.

Assinaturas: Geraldo José Canesin.

Correspondência: Rua Martim Francisco, 636, 1º andar, CEP

01226-000. Tels: (11) 3666-2128 e 3823-1060 ou

Caixa Postal 1205 - CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria. Estrada

Comendador Orlando Grande, 86, Bairro do Gramado, Embu,

SP. CEP 06835-300. www.avemaria.com.br

O pagamento anual de R\$ 25,00, referente à assinatura ou

renovação, pode ser feito, em qualquer época do ano, por

cheque, em nome da CMF Revista Ave Maria ou depositado

nos Bancos: ITAÚ — Ag. 0061 C/C 51 519-3 ou BANCO DO

BRASIL — Ag. 2445-7 C/C 8646-0.

A maioria das cidades é visitada por nossos represen-

tantes, que renovam as anuidades em domicílio. As livrarias

da Editora Ave-Maria estão autorizadas a receber as anui-

dades correspondentes às assinaturas da revista *Ave Maria*.

Assinatura anual: R\$ 25,00
(12 exemplares)

Ligue grátis: 0800-555-021
ou pelo Fax: 3663-3491

Correio eletrônico:

revista@avemaria.com.br

redacao@avemariainternet.com.br

assinaturas@avemariainternet.com.br

AVISO AOS ASSINANTES

Ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas da revista *Ave Maria*, peçam a credencial fornecida a todos eles.

Lista dos colaboradores

São Paulo: Benedito Carlos Câmara; Dideró Ribeiro; Fábio Eugênio Almeida Santos; Luzia Brancatti Stephaneli; Mauro Donizeti Câmara; Odacir Catto dos Santos; Osanir Mendes dos Santos; Palmira de Nadai Farias; Rejane Moehlecke; Walkir Mota; Sérgio Pierozan. **Minas Gerais:** Benedito Vaz Neto; Edson D. Nunes de Moraes. **Goiás:** Almerinda Gomes Batista; Lindalmy da S. Dutra Gomides; Maria da Silva Lemes; Roseli Terezinha Lauxen Silva; Sérgio Pierozan. **Paraná:** Sérgio Pierozan (Curitiba). **Rio Grande do Sul:** Harieta Moehlecke Drech. **Ceará:** José Erivaldo Lima Miranda. **Merenda Representações:** São Paulo, Mato Grosso do Sul, Paraná e Triângulo Mineiro.

Se tiver alguma dúvida sobre sua assinatura,

ligue para a revista *Ave Maria*:

0800-555-021

SERVIÇO BÍBLICO NA INTERNET

Comentários diários sobre as leituras das missas:

www.claretianos.com.br

Revista Ave Maria na internet:

www.avemariainternet.com.br

Novas esperanças

As festividades de passagem de ano são sempre cheias de músicas, brindes, comidas, bebidas, fogos... Saudações de feliz ano novo e muita prosperidade. O que de fato esperamos de novo? E qual prosperidade almejamos?

As retrospectivas do ano mostram estatísticas que assustam, sobretudo quando apontam elevados números de vítimas da fome, violência, trânsito, analfabetismo, dos sem-teto, sem-terra, sem-emprego...

Certamente o *novo* que esperamos é a forte redução desses números tão sombrios e tristes. A alguém cabe a responsabilidade de fazê-lo, seja dos escalões do governo, seja até mesmo dos indivíduos. Uma importante proposta de compromisso para a diminuição de tantas situações destruidoras da vida e da esperança será a Campanha da Fraternidade deste ano. Ela terá como tema "Solidariedade e Paz". Embora seu lançamento seja no início da Quaresma, podemos desde já, nesse começo de ano, vestir a camisa branca da solidariedade e da paz. Sentir-se convocado para superar os pequenos e grandes gestos de violência; impor-se uma nova forma de relacionar-se, visando a resultados pacíficos e conseqüente aumento de felicidade. Isso de fato seria o *novo* em nossa vida.

E a prosperidade?... Seria o lucro financeiro, somente declinado com o verbo acumular?... Para Deus, a única prosperidade abençoada é aquela que procede de justiça, de mãos dadas à misericórdia. Sem dúvida, queremos que prospere o diálogo tanto o político para o crescimento do bem comum, quanto o religioso para a consolidação de paz.

Neste número, na "Palavra do Papa" (p. 6), "Flagelo da fome", João Paulo II entende ser um ano novo – ao falar sobre a biodiversidade – caso os países aplicarem seus esforços, levando em consideração a ética e não somente a técnica e a ciência e atenderem às exigências concretas da população mundial.

No artigo de Frei Betto, "Feliz ano-novo" (p. 7), ele deseja votos de felicidades também para os poetas, os sonhadores, os apaixonados e os profetas.

Em "Internet e educação dos filhos" (p.8), João Batista Libânio descreve o mundo da comunicação dentro dos lares. Nova educação acontecerá quando pais, com sabedoria, estabelecerem conversa franca e esclarecida com os filhos, criando um ambiente de muita abertura, verdade e transparência.

No artigo de Maria Clara Luchetti Bingemer, "Lucas: outra juventude é possível" (p.10), a autora relembra, com um fato que chocou o Brasil, o gesto heróico do jovem Lucas quando sua coragem e amor pelos amigos foram maiores que suas próprias forças. Certamente ele está na nova vida junto aos santos e mártires de todos os tempos.

Antônio Mesquita Galvão apresenta aos leitores um tema cada vez mais angustiante e polêmico: "Biopirataria, ou... dormia, a nossa Pátria-mãe tão distraída..." (p.14). Ética, moral, soberania, direitos de patente, respeito ambiental, equilíbrio da biodiversidade, exploração são conceitos que acompanham esse tema.

Fazer a vontade de Deus acomodar-se à nossa vontade é um erro. A nova esperança é recolocar a vontade do Criador como principal e nos orientarmos por ela. Ele quer que homens e mulheres, em qualquer recanto de Terra, tenham condições de igual dignidade. É isso que devemos esperar.

P.C.G.

Primeira mulher representante do Brasil no Vaticano



Foto: L'Osservatore Romano

Vaticano, 11/10/04. O papa João Paulo recebeu, nessa data, a nova Embaixatriz do Brasil junto à Santa Sé, Vera Barrouin Machado, nascida no Rio de Janeiro aos 14 de junho de 1946, é casada e tem um filho. Desde 1999 era Embaixatriz em Nova Délhi, Índia, depois de ter exercido outras funções diplomáticas, no México, Espanha e EUA.

Assim foi o início do discurso de sua apresentação: "Beatíssimo Padre, quis o Chefe do Estado brasileiro, na primeira designação por ele feita para chefe da Missão diplomática do Brasil junto à Santa Sé, que o cargo fosse ocupado por uma mulher, a primeira em mais de século e meio de relacionamento".

Em resposta, assim começou o papa João Paulo II o seu discurso: "Excelência, é com grata satisfação que lhe dou as boas-vindas ao acolhê-la aqui no Vaticano, no ato da apresentação das Cartas Creden-

ciais, como Embaixatriz Extraordinária e Plenipotenciária da República Federativa do Brasil junto à Santa Sé"...

"...Por intercessão de Nossa Senhora Aparecida, imploro para a sua pessoa, para seu mandato e para seus familiares, assim como para todos os amados brasileiros, copiosas bênçãos de Deus Todo-Poderoso" — concluiu o Sumo Pontífice.

Abertura do Ano Eucarístico

Vaticano, 17/10/04. Nessa data, começou o XXVII ano do pontificado do papa João Paulo II e também teve início o Ano da Eucaristia, inaugurado com missa na Basílica de São Pedro, no mesmo momento em que se concluiu o 48º Congresso Eucarístico Internacional em Guadalajara, México.

Em ligação televisiva entre Roma e aquela cidade, o Papa discursou, comentando, entre outros, o texto de Lucas: "*Permanece conosco, Senhor* (24,29). Não nos deixes prisioneiros das sombras! Dá-nos o gosto de uma vida plena". No final da missa, João Paulo II tomou novamente a palavra: "Agora tenho a alegria de anunciar que o próximo Congresso Eucarístico Internacional será celebrado na cidade de Quebec (Canadá), no ano de 2008.

Que este anúncio suscite nos fiéis um vigoroso compromisso de viver mais intensamente o presente Ano da Eucaristia".

Formação litúrgica

Brasília, DF, 10/1. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, por meio da Comissão Episcopal Pastoral para a Liturgia, promoverá o Seminário Nacional sobre a Eucaristia na Vida da Igreja, de 14 a 18 de fevereiro, no Centro Pastoral Santa Fé, na via Anhangüera, km 25,5, São Paulo.

Inscrições até 30 de janeiro de 2005, através de preenchimento e envio da ficha para: Setor Liturgia - Caixa Postal 02067 - CEP 70259-970 - Brasília, DF. Informações: (61) 313-8300 ou liturgia@cnbb.org.br

Zilda Arns na Pastoral da Pessoa Idosa



Foto: Rubens Meilo

Brasília, DF, 5/11/04. A coordenadora nacional da Pastoral da Criança, Zilda Arns, foi solicitada pela CNBB para coordenar a Pastoral da Pessoa Idosa. A nova pastoral, que tem metodologia semelhante à da Pastoral da Criança, foi criada durante a 1ª Assembleia Geral, entre os dias 3 e 5 de novembro de 2004, em Campo Largo, PR, que reuniu participantes de todo o Brasil.

A Pastoral da Pessoa Idosa tem por objetivo a melhoria da qualidade de vida dos idosos na família, promovendo, em função deles, também suas famílias e comunidades, sem distinção de raça, cor, profissão, nacionalidade, sexo, credo religioso ou político.

A principal atividade da nova Pastoral é promover o desenvolvimento físico, mental, social, espiritual, cognitivo e cultural dos idosos; promover o respeito da dignidade e cidadania dessas pessoas, colaborando na divulgação e implementação do Estatuto do Idoso (lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003).

A coordenação da Pastoral da Pessoa Idosa vai funcionar junto à sede nacional da Pastoral da Criança, em Curitiba, PR. Informações pelo telefone: (41)336-0655 ou comunic@pastoraldacrianca.org.br

Centro de Fé e Política Dom Hélder Câmara

Brasília, DF, 10/12. Padre José Ernane Pinheiro, assessor político da CNBB, apresentou na reunião do Conselho Permanente da CNBB, o Centro Nacional de Fé e Política Dom Hélder Câmara.

A iniciativa é da CNBB, sob a coordenação da Comissão Episcopal para o Laicato. O objetivo geral é "apoiar, estimular, articular e estabelecer parcerias com organismos e entidades de Fé e Política". A finalidade é contribuir com a formação

de lideranças inseridas na política, em suas diferentes formas e níveis, a partir da reflexão bíblica, teológica, das ciências sociais e da filosofia — para a construção de uma sociedade justa, solidária, democrática, pluricultural e pluriétnica; fomentar em nosso país um pensamento social cristão à luz do Ensino Social da Igreja e dos valores evangélicos; incentivar, apoiar e articular os grupos e escolas de Fé e Política existentes no País e estimular a constituição de novas iniciativas; criar espaços de reflexão e troca de experiências; formar assessores para as comunidades, entidades e organizações sociais; fortalecer as pastorais sociais, entre outras.

O Centro pretende desenvolver cursos, seminários, encontros, simpósios, criar uma rede de assessores, fazer publicações, criar boletim eletrônico. Informações com pe. José Ernanne Pinheiro: (61)313-8374 ou politica@cnbb.or.br

CERIS cadastra escolas católicas

Rio de Janeiro, RJ, 10/11/04. O Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (Ceris) fará o cadastramento das escolas católicas no Brasil. Durante este ano, as escolas católicas receberão um questionário visando ao levantamento de informações mais qualitativas sobre o desem-

penho e funcionamento. A pesquisa resultará numa publicação.

País com 35,8 milhões de jovens

Foto: Avelino S. de Godoy



Brasília, DF, 16/1. Neste ano, segundo projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, nos próximos 20 anos, a população jovem brasileira viverá o seu pico demográfico, com o primeiro recorde sendo batido neste ano, quando 35,1 milhões pessoas terão entre 15 e 24 anos. Esse número só será superado em 2025, quando a nossa terra terá 35,8 milhões de jovens.

Rumo à V CELAM

São Paulo, SP, 20/10/04. Estão sendo realizados quatro encontros continentais de representantes das conferências episcopais das diferentes áreas da América Latina: Cone Sul, países bolivarianos, Caribe e América Central, com México, para a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Sem data precisa e lugar da realização, presume-se que será nos primeiros meses de 2007. D. Geraldo Majella, presidente da CNBB, está à frente dos preparativos em nosso país.



A IGREJA NO MUNDO

• Notícias 4

PALAVRA DO PAPA

• Flagelo da fome 6

FÉ E CIDADANIA

• Feliz ano-novo 7

Frei Betto

• Internet e educação dos filhos 8

J. B. Libânio

• A vida e o relógio 9

Luís Erlin

• Lucas: outra juventude é possível 10

Maria Clara Lucchetti Bingemer

• Amor que não passa 12

Carmen Sílvia Machado Galvão

• Biopirataria 14

Antônio Mesquita Galvão

MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR

• Senhora de Fourvière 16

Roque Vicente Beraldi

FÉ E CIDADANIA

• Jornalismo cristão 17

Pe. Zezinho

LINGUAGEM POSITIVA

• Somos humanizadores? 18

Francisco Gomes de Matos

HISTÓRIA DA IGREJA

• Novo conceito de revelação 20

José Maria Vigil

A PALAVRA É...

• Catequese e Altar 22

Luís Erlin

LITURGIA DA PALAVRA

• De 30 de janeiro a 13 de março 23

Adelino Dias Coelho

MEU LAR

• Ele, calmo... x ela, agitada... 31

Wimer Botura Jr.

CULINÁRIA

• Vamos cozinhar?! 32

Yvone Barros Oliveira

TURMA DA MAÍRA

33

Tina Glória

Flagelo da fome

O papa João Paulo II enviou Mensagem ao Diretor-Geral da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), Jacques Diouf, por ocasião do Dia Mundial da Alimentação (16/10/04). Eis alguns trechos da sua mensagem:

“...O tema deste Dia: “A biodiversidade a serviço da segurança alimentar”, indica um meio concreto para a luta contra a fome e a subalimentação de tantos irmãos nossos. De fato, para alcançar o objetivo de uma segurança alimentar adequada é necessária uma administração correta da variedade biológica para poder garantir as várias espécies animais e vegetais. Trata-se de um esforço que exige uma consideração de caráter ético e não só técnico e científico, mesmo que também eles sejam indispensáveis, de maneira a poder garantir a persistência de tais recursos e o seu uso de acordo com as exigências concretas da população mundial.

Mas infelizmente são muitos os obstáculos que se opõem à ação internacional orientada para tutelar a biodiversidade. Não obstante a existência de regras cada vez mais adequadas, parece que outros interesses impedem o justo equilíbrio entre a soberania dos Estados sobre os recursos presentes no seu território e a capacidade das pessoas e das comunidades para preservar ou gerir esses recursos em função das necessidades reais. Portanto, é necessário que entre as bases da cooperação internacional se reafirme o princípio de que a soberania sobre os recursos genéticos presentes

nos diversos ecossistemas não pode ser exclusiva nem se converter em causa de conflitos, mas deve ser exercida segundo as regras naturais da humanidade que regem a convivência entre os diversos povos que formam a família humana.

Estas são as bases ideais que orientam a ação da FAO e permitiram, entre outras coisas, promover as normas do Tratado sobre os recursos fitogenéticos para a alimentação e a agricultura, instrumento válido para obter os efeitos tão esperados. Isto tutela também os direitos dos agricultores, garantindo a sua participação nos processos de decisão e estimulando-os a preocupar-se não só pela quantidade de alimentos, mas também pela sua qualidade.

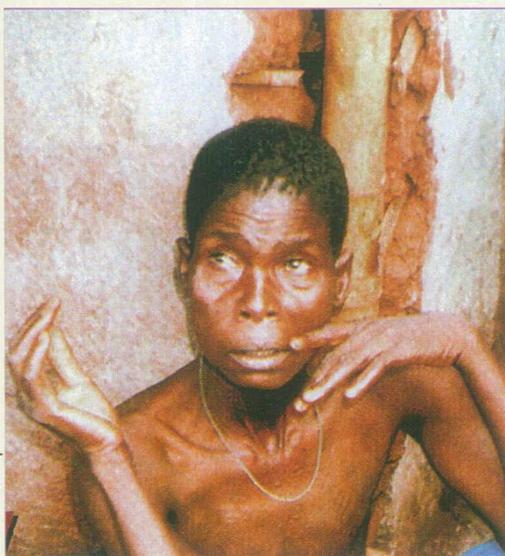


Foto: revista Popoli

Neste contexto, é necessário ter em consideração, de modo particular, as comunidades e os povos indígenas, cujo amplo patrimônio de cultura e de conhecimentos relacionados com a biodiversidade corre o risco de desaparecer devido à ausência de uma tutela adequada. Com efeito, percebe-se o perigo

real de uma exploração abusiva das suas terras e a destruição do seu *habitat* tradicional, bem como a não-proteção da sua propriedade intelectual, cuja importância se reconhece para a salvaguarda da biodiversidade.

Em muitos âmbitos é realçada a urgência de rever o esquema seguido até agora para tutelar os enormes e insubstituíveis recursos do planeta, procurando um desenvolvimento sustentável, mas também e principalmente solidário. A solidariedade, entendida corretamente como modelo de unidade capaz de inspirar a ação dos indivíduos, dos governos, dos organismos e instituições internacionais e de todos os membros da sociedade civil, trabalha para um justo crescimento dos povos e das nações, e tem como objetivo o bem de todos e de cada um. Portanto, esta solidariedade, ao superar também atitudes egoístas em relação com a ordem da criação e com os seus frutos, tutela os diferentes ecossistemas e seus recursos, as pessoas que vivem neles e seus direitos fundamentais a níveis individual e comunitário. Bem fundada sobre esta referência à pessoa humana, à sua natureza e às suas exigências, a solidariedade é capaz de consolidar projetos, normas, estratégias e ações plenamente sustentáveis...”

“...Fazemos votos para que a celebração de hoje ajude a favorecer, a nível global e local, o programa de uma renovada “partilha” dos frutos da terra.

Sobre Vossa Excelência, Senhor Diretor-Geral, e sobre todos os que, com empenho e abnegação colaboram para realizar as finalidades da FAO, convoco as abundantes bênçãos do Altíssimo.

João Paulo II

FELIZ ANO-NOVO

FREI BETTO

Feliz ano-novo aos que cultivam a criança que os habitam, brincam de escorregador no arco-íris, cortam a Lua em fatias de queijo e passeiam de roda-gigante no Sol, porque sabem que a vida é breve e os apegos fastidiosos.

Feliz ano-novo aos desempalhadores de pássaros, pois crêem no milagre da ressurreição e desdenham os sinais de morte, convencidos de que o amor supera a dor e a vida extrapola o conceito.

Feliz ano-novo aos que fazem da solidão abrigo, fonte e exercício de vôo, conhecem o valor de cada palavra e a importância do recuo para agilizar o salto, convencidos de que é preciso aprender a fechar os olhos para ver melhor.

Feliz ano-novo a quem cultiva paradoxos e já não guarda nenhuma certeza, apenas fé, e jamais eleva a voz para impor a sua razão, nem se considera o senhor de todas as verdades, traz na alma as lições dos sofrimentos e contempla o semelhante como mistério e com paixão.

Feliz ano-novo ao homem que, todo fim de tarde, acende as luzes da cidade, cuidando para não apagar as sombras e nem permitir que os ruídos do dia invadam a noite, provocando a desatenção das corujas.

Feliz ano-novo aos colecionadores de memórias, que não deixam o tempo apagar-se, reinventam o passado disfarçado de futuro, recolhem em fotos e pinturas a paisagem que já não existe, reativam a lembrança dos velhos, e não admitem que a nostalgia camufle o sangue que adubou esperanças.

Feliz ano-novo a quem sonega a palavra carregada de mágoa, cala ofensas e não se compraz na desgraça alheia, esvazia o coração de todo orgulho, jamais imprime arrogância à voz e se curva solidário a quem padece dessas pequenas desavenças humanas que inflam como grandes problemas.

Feliz ano-novo aos que alumiam de indagações os passos vida afora, e conservam as suas respostas no jardim onde plantam utopias, nunca desdenham o saber do pobre, o rumo do vento e as manhãs de domingo, confiantes de que a existência é o pingo de chuva que, ofertado entre trovões e relâmpagos, logo se esvai aquecido pelo Sol.

Feliz ano-novo a quem aplaude, de cima das mangueiras, os profetas que entram na cidade disfarçados de mendigos e proferem sentenças contrárias

à lógica da guerra, anulando todos os argumentos do desamor e desvelando o rosto cínico de quem faz do poder um pódio de seu irrefreável narcisismo.

Feliz ano-novo às borboletas que colorem os céus de nossos sonhos, e às tartarugas que vencem, desapressadas, a corrida do tempo, e aos peixes que jamais tiveram a curiosidade de conhecer a superfície das águas, e às mulas que, no fundo das minas, arrastam cegas o que enche de cobiça os olhos humanos.



Foto: Avelino S. de Godoy

Feliz ano-novo a quem jamais renegou a sua família e não faz de sangue a tinta que registra sentimentos contabilizados. Antes, transubstancia em amor os vínculos de parentesco, em pão e vinho a comida à mesa, em festa o afeto indelével que tece, em fio invisível, a cumplicidade da tribo.

Feliz ano-novo às mãos da culinária cotidiana, o cheiro do café aromatizando a aurora, a pele do leite despida em nata, o feijão catado como contas de um rosário, o arroz refogado na ternura e a calda açucarada da sobremesa farta em suspiros.

Feliz ano-novo aos que ousam mergulhar na fonte que trazem dentro de si e deixam-se tragar pelo Inefável, transmutados no ser que de fato são.

Frei Betto é escritor, autor de "Gosto de uva" (Garamond), entre outros livros.

Internet e educação dos filhos

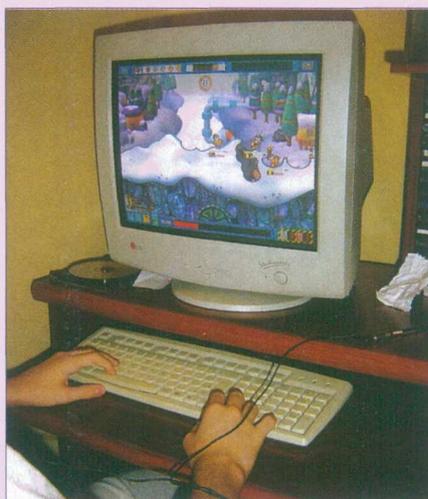
J. B. Libânio

No mundo da Internet o controle externo quase não existe. Funcionam aí os mecanismos interiores. As crianças acordam para o mundo, despertadas pelo ambiente em que vivem. As curiosidades respondem às provocações recebidas. Baterão à porta daqueles sites (páginas eletrônicas) que lhes forem sugeridos pelos colegas, professores, propagandas comerciais.

Nos tempos idos, passeava-se pelas ruas, metia-se a cara nas pequenas lojas em busca de alguma novidade, visitavam-se as famílias nas horas de lazer. Era a avenida da vida, com pequenas e saborosas surpresas. Com a revolução tecnológica da informação, essas trilhas tradicionais do andar físico foram substituídas pelo gigantesco bulevar da Internet. Diferentemente das saídas à rua de asfalto, o esforço por caminhar por ele é mínimo. Um toque no computador, uma conexão estabelecida, e eis a criança navegando de seu quarto, sem limites, sem quase nenhum controle, pelos caminhos da imagem. Favorece essa inversão de passeio a violência que está a ocupar as ruas físicas. As pessoas sentem-se interdadas a ir a certos lugares e especialmente a sair de casa a certas horas. Nada melhor então do que trancar-se no quarto e passear eletronicamente sem medo de assaltos e roubos.

Além disso levanta-se o problema do controle que os pais exercem sobre os filhos. Nas saídas à rua de asfalto é mais fácil conhecer os itinerários. E atualmente com o celular os pais seguem os passos dos filhos. No mundo da Internet o controle externo quase não existe. Funcionam aí os mecanismos interio-

res. Eles movem-se em direções múltiplas. As crianças acordam para o mundo, despertadas pelo ambiente em que vivem. As curiosidades respondem às provocações recebidas. Baterão à porta daqueles sites que lhes forem sugeridos pelos colegas, professores, propagandas comerciais. Torna-se impossível controlar as fontes alimentadoras da curiosidade das crianças.



Resta o único caminho que vem sendo trilhado por muitos pais com sabedoria: a conversa franca e esclarecida com os filhos. Nesse campo, antecipar é melhor que corrigir. Mais vale prevenir que remediar. Faz-se verdade o título do

filme italiano que aborda a questão da iniciação sexual do adolescente: “Amanhã será demasiado tarde”. E não basta uma conversa, pois esta não cai do céu. Constrói-se num clima de confiança. O desafio da pedagogia familiar, escolar e religiosa consiste em gerar tal ambiente de muita abertura, verdade, transparência. Aí se torna mais fácil dialogar com os filhos, alunos e catequizandos. Pela pura via da autoridade e do controle externo dificilmente se evitam as catástrofes.

E nos encontros com as crianças e jovens faz-se necessário abrir espaço para que eles narrem a sua vida, verbalizem os problemas, desejos, ansiedades. Há uma situação paradoxal. De um lado, as gerações jovens têm dificuldade de traduzir com palavras o que passa em seu interior. Falta de exercício, vocabulário mais restrito, substituição da imagem pela palavra. De outro, todo ser humano sente a necessidade de exprimir-se. Educar significa resolver o paradoxo, gestando situações em que a palavra flui e a vida se faz texto. Algo extremamente terapêutico.

O fator decisivo nesse jogo entre educadores e crianças é o tempo. Há monstruosa desproporção entre as horas que os filhos passam diante da TV ou da Internet e as que os pais dispõem para ser-lhes ajuda, orientação. E no pouco tempo que sobra da febricitante vida moderna, os adultos se acham ou se julgam de tal modo exaustos que evitam conversas sérias com as crianças.

Este hiato de tempo e de disposição torna-se o maior empecilho para uma educação sadia. E não se compensa com repressão, punições e controles intempestivos. Os adolescentes de hoje adestraram-se na dupla linguagem. A que circula entre eles e a que usam com os adultos. Numa está a verdade de seus comportamentos, na outra aquilo que eles julgam poder ser entendido e permitido pelos pais. Só a transparência forma. 

J. B. Libânio é professor e diretor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores dos Jesuítas (CES), Belo Horizonte, MG.

A vida e o relógio



Luís Erlin

“Não te prives de um dia feliz, e não deixes escapar nenhuma parcela do precioso dom” (Eclo 14,14).

- O ano passou que eu nem vi.
- Verdade! O tempo voou!

Esse tipo de assunto costuma povoar as conversas de final e começo de ano. Sempre reclamamos que nos faltou tempo, que tudo passou muito rápido sem que desfrutássemos de cada momento.

E de fato, parece que a falta de tempo é a marca do mundo moderno. O dia começa e termina numa velocidade espantosa, quando menos esperamos foi-se a semana, o mês e o ano.

No corre-corre das nossas atividades, a grande prioridade é cumprir compromissos, realizar coisas, fazer... e assim, meio que perdidos, vamos indo. Pensar na vida, tirar um tempo para si, descansar um pouco mais, perder a hora, jogar conversa fora, passear sem pressa de chegar, para alguns beira a pecado... é tempo jogado fora.

Estamos aprisionados num tempo e o espaço temporal rege nosso existir, isso é verdade! Porém, se o relógio se transforma num grande ditador, regulando vinte quatro horas por dia nossa vida sem dar tréguas, então somos vassalos do tempo.

Presos, sim, escravos, não! A diferença é grande.

O ideal seria que os relógios estivessem sujeitos a nós, e não o contrário. Não nos falta tempo, o tempo é o mesmo ontem e hoje, faltam-nos prioridades... O que de fato é importante?

Na vida pós-moderna, cheia de loucuras, uma delas é deixar que a vida, o grande dom, escorra pelo nosso corpo como água sem nos molhar. A vida é preciosa demais para que “a falta de tempo” nos impeça de viver.

Luís Erlin, é missionário claretiano. - luiserlin@bol.com.br

Opinião da leitora

Através desse e-mail eu gostaria de parabenizar a revista *Ave-Maria* por uma série de ótimos textos publicados. De modo especial, saliento os artigos de Luís Erlin que numa linguagem simples, direta e poética, trata de assuntos tão complexos. Tenho utilizado os artigos dele como exemplo de boa articulação literária na faculdade em que leciono.

Lúcia Marcondes, Vitória, PE

Leitor pergunta

Prezado Luís Erlin,

- Leio os seus artigos na revista *Ave Maria* e gosto muito. Sou membro da Formação de Liderança de uma paróquia daqui de Passos, MG. **Gostaria de receber um parecer seu quanto à determinação e valorização do Catecismo da Igreja Católica.** Eu, pessoalmente, o interpreto e procuro segui-lo como normas e deveres de um bom cristão. Há, porém, alguns que querem até mesmo rejeitá-lo, dizendo que já está ultrapassado. Eu acho que a Lei de Deus não muda. Poderá mudar a maneira de cumpri-la. Quando, por exemplo, diz que aos domingos e dias santificados, salvo por motivo justificável, o cristão deve e tem por obrigação assistir a santa missa. Gostaria, se fosse possível, uma breve orientação sua quanto a este assunto. Obrigado e aguardo sua resposta.

Jairo José de Faria

Pe. Erlin responde.....

Jairo,
Paz em Cristo!

Fiquei feliz em receber seu e-mail, mas ainda em saber que meus artigos estão sendo bem aceitos.

A Igreja Católica, diferente de muitas outras denominações religiosas, não impõe regras de conduta aos seus fiéis, pelo contrário respeita o princípio da liberdade. Porém, a Igreja sabendo de sua missão no mundo, orienta sem impor a verdade que nos foi revelada.

O Catecismo da Igreja, ou seja, o novo Catecismo, aprovado em 1992 por João Paulo II (portanto recente), é uma orientação de fé aos fiéis católicos. Nele estão contidos os elementos básicos de nosso credo.

Como você disse, a Lei de Deus, de fato, não muda. A forma de interpretá-la, sim. Por isso, não seguimos o catecismo de Trento, ou do Concílio de Nicéia, mas a Lei atualizada segundo os sinais dos tempos, lembrando que a Lei não muda, é e sempre será a Caridade.

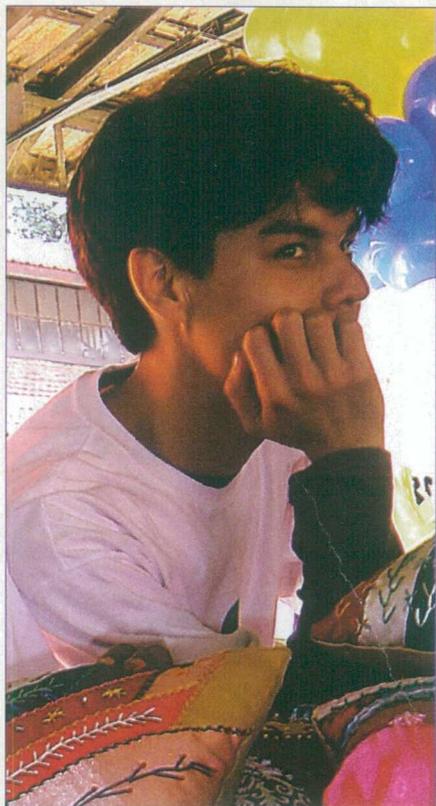
Quanto à missa, se algum católico questiona o preceito da missa dominical, é porque ainda não encontrou sentido num dos grandes presentes que recebemos de Deus, a Eucaristia, uma pena! O preceito não deve ser encarado como regra, mas como presente.

Espero que minhas palavras lhe possam ser úteis.
Um abraço

Pe. Luís Erlin, cmf

Lucas: outra juventude é possível

Maria Clara Lucchetti Bingemer



Fotos: Avelino S. de Godoy

lhou na barragem de Erechim, terrível fatalidade que ceifou tantas vidas jovens no sul do Brasil. Lucas, de 14 anos, era um menino alegre, de olhar transparente e coração bom. Quando o ônibus despencou no precipício, após bater na barragem, o caos se instaurou em meio àquelas vidas ameaçadas em pânico que só pensavam em como escapar daquele inferno e re-emergir em direção à vida.

Em meio a toda aquela situação de pânico e desordem, Lucas, em sua pouca idade, teve a calma e o sangue frio de começar a ajudar os colegas e companheiros a salvarem-se da água e das ferragens, levando-os para terra firme, onde os esperava o conforto e a segurança. Chegou a salvar três. Quando desceu mais uma vez para buscar mais um, foi acometido de câibras e morreu afogado, mergulhando para a morte e engrossando as estatísticas de mais uma vítima dos acidentes rodoviários no Brasil.

Neste momento, penso na dor terrível dos pais de Lucas, que perderam um filho na flor da idade, com toda a vida pela frente. Penso igualmente nos pais das outras crianças e adolescentes que agora sofrem a dor aguda e profunda da tragédia antinatural de ter que enterrar seus filhos, de ter que viver a situação de ver seus filhos partirem antes deles mesmos.

O pequeno herói Lucas, mártir da solidariedade, porém, nos deixa uma

A juventude, como acertadamente disse Paul Claudel, não é feita para desperdiçar-se em prazeres fugazes e alegrias efêmeras. Mas, pelo contrário, é o momento da vida no qual se tem mais coragem de arriscar, onde ainda se permite sonhar, amar até as últimas conseqüências, solidarizar-se até o ponto de entregar a vida pela vida dos outros. Se isso não aparece com tanta evidência nos dias de hoje, talvez seja porque essa juventude não tem recebido de nós, adultos, testemunhos, exemplos, ensinamentos que conduzam nessa direção.

mensagem de extrema relevância, que nos deve levar mais longe não só como testemunho de solidariedade radical, ao preço da própria vida, como também de mudança de perspectiva e de olhar com

Um poeta francês do século passado, Paul Claudel, disse uma célebre frase que sempre me impressionou: “A juventude não foi feita para o prazer, mas para o heroísmo”. Em tempos como os nossos, onde vemos a juventude, em boa proporção, subjugada aos apelos da droga, do sexo livre, da promiscuidade sob várias formas, essa frase nos parece inteiramente utópica, irreal, fora de propósito.

E, no entanto, em setembro de 2004 vimos encarnar-se com comovente e puro brilho no gesto do menino Lucas Vezzano, uma das vítimas do trágico acidente com o ônibus escolar que mergu-



relação aos estereótipos que construímos sobre os nossos jovens.

É verdade que desta civilização de consumismo desenfreado, busca de sensações a qualquer preço, cultura de superficialidade que construímos, os jovens têm sido as maiores vítimas. Suas mentes e corações, ainda em formação, são presa fácil para as iscas diabólicas que lhes são apresentadas a cada dia, com persistência e insistência incansáveis. Oferecendo-lhes prazeres fugazes e sensações efêmeras, acabam por deteriorar e mesmo destruir suas estruturas psicológicas, afetivas, espirituais, atirando-os em um frenesi consumista e na busca desesperada de um prazer que

acaba por trazer-lhes apenas frustrações.

Os filmes e a TV, por outro lado, se empenham em reforçar e confirmar esta visão estereotipada que temos das coisas, levando-nos a permanecer em nossa alienação lamentosa, queixando-

nos “dessa juventude de hoje”, que, segundo nós, “está perdida e não tem mais jeito”. Demitimo-nos de nossa função de, enquanto geração mais velha, sermos educadores, pedagogos, formadores de opinião. Viramos as costas e nos acomodamos.

O belo exemplo do jovem Lucas nos mostra que outra juventude é possível. Mais: que já está no meio de nós. Pequeno mártir da solidariedade, ele nos demonstra que a juventude, ao contrário do que nos querem fazer crer os desprogramadores de mentes de plantão, é terreno fértil para a sementeira dos valores mais autênticos e profundos da ética, do amor, de tudo aquilo que construiu a grandeza da humanidade e, muito concre-

tamente, do Evangelho de Jesus Cristo.

A juventude, como acertadamente disse Paul Claudel, não é feita para desperdiçar-se em prazeres fugazes e alegrias efêmeras. Mas, pelo contrário, é o momento da vida no qual se tem mais coragem de arriscar, onde ainda se permite sonhar, amar até as últimas consequências, solidarizar-se até o ponto de entregar a vida pela vida dos outros. Se isso não aparece com tanta evidência nos dias de hoje, talvez seja porque essa juventude não tem recebido de nós, adultos, testemunhos, exemplos, ensinamentos que conduzam nessa direção.

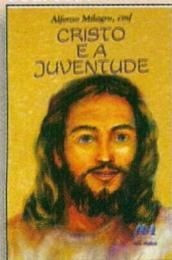
Frustrados diante de nossa postura covarde e omissa diante da vida, os jovens vão buscar outros caminhos. E aí encontrarão sempre os contra-educadores de plantão: o traficante, a garota de programa, a casa de massagem, a boca de fumo, o consumo, as formas pervertidas de sexualidade.

O jovem Lucas nos acena, a partir da entrega heróica de sua vida, que outra juventude é possível. Todos os recursos que possamos mobilizar para que isso se torne realidade serão poucos diante da importância do desafio e do apelo a nós lançado.



Maria Clara Lucchetti Bingemer é teóloga da PUC/RJ e coordenadora do Centro Loyola de Fé e Cultura. www.users.rdc.puc-rio.br/agape

Cód. 0697



Cristo e a juventude

Alfonso Milagro

RS 10,80

Propõe-se ajudar o jovem a meditar a palavra de Deus, a pensar em sua juventude e a descobrir Cristo como razão e alegria última de sua vida.

Jovem a vitória está em você!

Cód. 0331



Orações para jovens

RS 5,90

Sérgio Jeremias de Souza

Sugestões de como o jovem pode conversar com Deus através da oração, apresentando-lhe seus problemas, esperanças e alegria em todos os momentos e situações da vida.

Amor que não passa

Carmen Sílvia Machado Galvão

Os dons de Deus, concedidos para a edificação espiritual do ser humano e social da comunidade, só serão plenamente desenvolvidos se ornados, colocados em ação, a partir de uma vivência humana totalmente enraizada em Deus e no seu amor. O amor nos dá sentido de vida, nessa e na outra. Se sabemos e professamos que “Deus é amor” (cf. 1Jo 4,8.16), é impossível levarmos a efeito qualquer trabalho de instauração do Reino de Deus sem o amor, a essência da divindade, derramada sobre o gênero humano.

O amor é força de Deus mas também força da pessoa que está aliada a ele.

É pelo amor que vivemos e agimos. Por transcendente, ele é maior que a esperança e a própria fé. No amor descobre-se a fonte da vida humana: fomos criados *por amor* e — sobretudo — *para o amor*. Autêntico dom de Deus, que governa o uso dos demais dons e carismas (cf. 1Cor 12-13), o amor pode ser visto em várias formas, modos e circunstâncias:

- **O amor de Deus pelo homem:** É sabido, e a *Bíblia* no-lo ensina, que Deus se fez homem por amor à humanidade (cf. Jo 3,16) porque nos amou primeiro (cf. 1Jo 4,19). Assim, o amor se resume no cumprimento de toda a lei divina (cf. Rm 13, 8ss). O próprio ato criacional não pode ser contemplado fora da ótica do amor: Deus nos criou porque nos ama. E nos criou para o amor.

- **Amor dos homens por Deus:** Esse sentimento só pode ser obtido através da ascese da alma, que elevando-se do material adentra no místico, na direção do mistério no qual Deus repousa. O primeiro mandamento requer essa ascensão mística: *Amarás o Senhor teu Deus sobre todas as coisas...* O amor é encontrado na essência de Deus, afinal, e São João revela, “Deus é amor” (cf. 1Jo 4,8.16).



Foto: Avelino S. de Godoy

- **Amor-próprio:** Visto pela psicologia moderna como “auto-estima”, esse tipo de amor é admissível se for igual ao amor ao próximo (cf. Mt 22, 39) e inferior àquele dedicado a Deus. Somos filhos e templos de Deus, por isso, na medida adequada, também se impõe o amor-próprio. Há o perigo, no entanto, de se cair em um individualismo egoísta.

- **Amor ao próximo:** Junto com o amor a Deus, resume toda a doutrina, a lei e os escritos proféticos (cf. Jo 13,34s).

Os demais dons dependem do amor, estão nele contidos e sem ele nada significam. Se somos filhos do mesmo Pai, unidos na remissão do mesmo Irmão, somos irmãos entre nós e — como tal — devedores de um amor recíproco, desinteressado e solidário.

Amor é dom

Sendo o amor um dom essencial ao ser cristão, podemos concluir que, quanto maior for o dom recebido, maior a afronta a Deus. Se o homem recusá-lo ou empregá-lo de forma indevida, diferente ao que Deus projetou, sua atitude torna-se inócua, blasfema e herética. Vale o contrário: quanto mais bem empregado um dom divino, mais glória se estará dando ao Criador.

O mundo civilizado, no tempo de São Paulo, estava impregnado pela cultura greco-romana. Se de um lado se podia dizer que Roma adorava o poder, era lícito afirmar que os gregos haviam entronizado o saber. Esses dois ícones das culturas dominantes, conduziam-no a outra forma de adoração: o prazer. Convertido a Cristo, o apóstolo ensina a proeminência do amor, como síntese da nova cultura cristã, contra a força, a posse e o prazer. A partir de agora, valerá a força do amor, a posse do domínio sobre si próprio e o prazer de estar na comunhão com Deus. Por causa disso, no século VIII de nossa era, um poeta árabe afirmou que “o amor governa o mundo sem a lei e sem a espada”.

O chamado *amor-agápe* é o amor verdadeiro, contido na essência divina (cf. Jo 3,16). Trata-se de afeto que Deus tem pelo homem, sentimento com que os Três Divinos, na comunhão trinitária,

se amam. É também o amor recíproco do Pai e do Filho e — ao mesmo tempo — o amor-tipo a que os cristãos são chamados a experimentar, amando a Deus, ao próximo e a todos os membros da comunidade. O *amor-agápe* é o autêntico amor cristão, e pode ser visto como:

- modo de louvor, exaltação e adoração a Deus;
- um desejo de servir (bem-estar dos outros);
- plenitude que ocorre no ser humano, repleto do Espírito de Deus (cf. Gl 5, 5);
- vida cristã totalmente assumida.

Convertido a Cristo, o apóstolo ensina a proeminência do amor, como síntese da nova cultura cristã, contra a força, a posse e o prazer. A partir de agora, valeria a força do amor, a posse do domínio sobre si próprio e o prazer de estar na comunhão com Deus. Por causa disso, no século VIII de nossa era, um poeta árabe afirmou que “o amor governa o mundo sem a lei e sem a espada”.

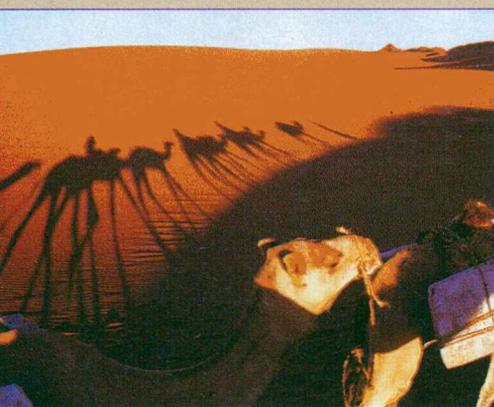


Foto: Giosué Bolis e Myriam Butti (rev. Popoli)

Amor e caridade

A despeito de algumas disputas exegéticas a respeito da conceituação e diferenciação entre amor e caridade, a grande constatação é que a palavra *agápe* tanto pode ser traduzida por *amor* como

por *caridade*. Caridade e amor são juízos que se interpenetram em um mesmo sentido. Amor é mistério, é dom, é essência de Deus, é vida de onde brota a justiça, a paz e a libertação. Caridade é praticamente a mesma coisa, desde que o *amor-agápe* não seja confundido com mera amizade, erotismo, e se soubermos distinguir a diferença entre caridade e assistencialismo descompromissado, ou uma barganha interesseira para “limpar o carma” como querem os postulados reencarnacionistas.

Tarde te amei!

Santo Agostinho, depois de muitos anos de vida treloucada conheceu a Deus, amando-o. O que ele procurou fora, estava dentro dele. Inspirado naquele que é amor por essência, ele afirmou: “Tarde te amei, beleza sempre bela!”. Hoje em

dia, a sociedade humana se enfraquece porque as pessoas mais querem ser amadas do que amar. Isto acontece até mesmo nas famílias. É comum ver-se casais idosos, vivendo uma existência egoísta, fechada, solitária, revoltada até, porque não tiveram filhos. Muitos têm gatos e cachorros e não tiveram a necessária, amorosa e evangélica coragem de adotar uma criança. Alguns por medo, outros por vergonha, muitos por egoísmo. A pujança e a gratuidade do verdadeiro amor vêm descritas desde a antiga cultura sapiencial judaica. Enquanto a paixão “é cruel como o abismo” (Ct 8,6).

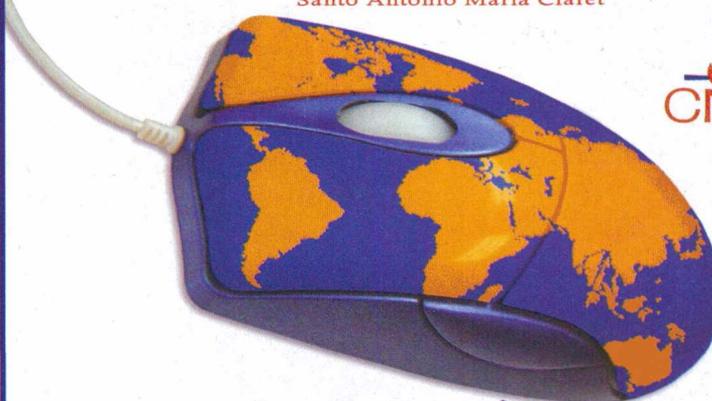
As águas da torrente jamais poderão apagar o amor, nem os rios afogá-lo. Quem quisesse dar tudo o que tem para comprar o amor, seria tratado com desprezo (v.7).



Carmen Sílvia Machado Galvão é teóloga leiga, escritora e socióloga - csmgal@terra.com.br

“Meu espírito é para todo o mundo”

Santo Antonio Maria Claret



Missionários Claretianos
A serviço da Palavra

Venha nos conhecer

SECRETARIADO VOCACIONAL CLARETIANO
Av. Francisco José C. de Andrade, 535
Jd. Chapadão - CEP 13070-550 - Campinas - SP
Tel.: (19) 3242-2258 - (19) 9604-2745 (Pe. Maurício)
email: pemaucio@mpc.com.br
Procuradoria Missionária - (19) 9601-8046 (Pe. Írio)

SECRETARIADO VOCACIONAL CLARETIANO
Rua Bueno Brandão, 495 - Caixa Postal: 115
CEP 37550-000 - Pouso Alegre - MG
Tel.: (35) 3421-1108
email: curiabc@uai.com.br

CENTRO “Pe. JAIME CLOTET”
Rua Pinheiro Machado, 245
La Salle - Caixa Postal: 412
CEP 85501-970 - Pato Branco - PR
Tel.: (46) 224-4129
email: luisfavoretto@bol.com.br

COMUNIDADE MISSIONÁRIA
Rua Manoel Moura, 46 - Trapiche da Barra
CEP 57011-100 - Maceió - AL
email: berinhocmf@zipmail.com.br

COMUNIDADE MISSIONÁRIA
Rua Bahia, 984 - Centro
Caixa Postal: 41 - CEP 78630-000
Campinápolis - MT
Tel.: (66) 437-1106

PARÓQUIA NSA. SRA. DE ABADIA
Pça. Laurentino M. Rodrigues, s/n
Caixa Postal: 23 - CEP 76380-000
Goianésia - GO - Tel.: (62) 353-1402

www.claretianos.com.br/pjv

Biopirataria

ou... dormia a nossa Pátria-mãe tão distraída...

Antônio Mesquita Galvão

A chamada **biopirataria** expressa todo o tipo de ilícito, oposto àquilo que é contemplado positivamente pela bioética. Enquanto **bio** refere-se à biodiversidade, material genético e biológico, **pirataria** serve para expressar roubo, apropriação indébita, saque. Antes de dissertarmos sobre este tópico, vale dizer que a relação com a biodiversidade, antes de econômica, deve ser ética.

Por **biopirataria** entende-se toda apropriação irregular de material biológico, independente da finalidade, sem consentimento do detentor ou país de origem. Basicamente, situa-se no tráfico de animais e plantas silvestres. Aprofundando mais, vamos descobrir desvios de vegetais, seja de cultivo, para decoração ou colecionadores, alimentícios ou de comércio e os de interesse científico. Num conceito estrito...

Biopirataria é a apropriação e uso de material biológico, sem reconhecimento de origem, sem anuência prévia e sem a repartição dos benefícios.

Os próprios países “especialistas” em biopirataria, através da OMPI (Organização Mundial de Propriedade Intelectual), começam a trocar o verbete, de *biopiracy* (biopirataria) para *bioquating* (biogrilagem) que dá praticamente no mesmo. No Brasil, sofremos a biopirataria através de um processo histórico e colonizador. Desde o *pau-brasil*, no século XVI, que nossos recursos são desviados. Não se tratou apenas de um gesto extrativista de madeira, mas do uso identificado (tingimento) a partir do conhecimento indígena. Depois do pau-brasil tivemos problema com o *cacau* (século XVIII), levado para a África, onde foi plantado, gerando renda para terceiros, sem que os benefícios fosse repartidos com o país de origem, no caso, o Brasil.

No século XIX, fomos vítimas da biopirataria com a *borracha* e com a *cinchona*, ambas levadas indevidamente para o sudeste da Ásia. A borracha, através do látex, que todos conhecem, era plantada



no Amazonas e no Pará. Da *cinchona*, também conhecida como *quina*, natural da Amazônia brasileira, peruana e equatorial, é extraído o quinino, utilizado contra a malária. Na verdade, trata-se de riquezas biológicas que perdemos, conquistaram novos mercados, e ficamos, sem a tecnologia (de origem indígena e cabocla) e sem os lucros econômicos. Mais recentemente, e só para citar três, entre muitos: (quadro abaixo).

Espécie	Ação	Empresa	País
Quebra-pedra	cirrose e hepatite B	Fox-Close Cancer Center	EUA
Guaraná	auto-coagulante	Cincinatti University	EUA
Espinheira-Santa	anti-inflamatório	Meltri Lab	Japão



Fotos: Sílvia Vince Esgalha

É bom notar que atos de biopirataria, embora limitados ao roubo de recursos minerais ou naturais, no passado, foram motivo até de guerra entre países. O Brasil, sendo o país que possui a maior biodiversidade do planeta, e por não possuir leis eficazes nesse sentido, é uma das maiores vítimas da biopirataria. Esta, como uma ofensa à nação espoliada, é um ato de agressão:

- econômica;
- moral (ofensa à soberania, identidade e valores culturais de um país e suas comunidades);
- ambiental.

Só para vermos como o Brasil perde recursos com essa evasão, observe-se que o setor de biotecnologia gera por volta de US\$ 500 milhões/ano, cerca de 1% da produção mundial. Em muitos casos, temos o produto mas não dominamos a tecnologia para torná-lo acessível ao mercado. Aí, vem um estrangeiro – e o caso é comum, até – passa alguns anos no meio dos índios, e depois volta à sua terra, com mudas (ou sementes) e todo o conhecimento dos silvícolas. Lá chegando, requer patente do produto, ganha fama e dinheiro, e seu país, tecnologia e divisas.

Atualmente existem dois vegetais amazônicos, o *taxol* e a *vicristina* remédios naturais, anticancerígenos, que custam, no mercado internacional cerca de US\$ 12 milhões o quilo. Por falta de um domínio na sua transformação em remédio industrial, corremos o risco de perdê-lo, a curto prazo, para a biopirataria. A “Convenção da Diversidade Biológica”, instaurada desde 1992, fixou como objetivos dos países participantes, os seguintes tópicos:

- uso dos recursos biológicos;
- conservação desses recursos;
- repartição justa e equitativa dos benefícios.

Sabem quem *não assinou* este protocolo? Adivinhem!! Japão e EUA! Justamente os campeões mundiais de biopi-

rataria. É imperioso reconhecer o perigo da biopirataria para os chamados países megadiversos, uma vez que suas riquezas são como um chamariz à rapina dos países industrializados que não medem esforços para abocanhar uma fatia cada vez maior. Está sempre em xeque o interesse ambiental e econômico.

Discutindo a natureza jurídica da biodiversidade, vemos o jurista Celso Pacheco Fiorillo, afirmando que após a Constituição Federal de 1988 a biodiversidade deveria ser classificada como um *bem ambiental*, sem mais domínios oficiais ou privados. Hoje, por exemplo, conforme o caso ou a necessidade, o

Atualmente existem dois vegetais amazônicos, o *taxol* e a *vicristina* remédios naturais, anticancerígenos, que custam, no mercado internacional cerca de US\$ 12 milhões o quilo. Por falta de um domínio na sua transformação em remédio industrial, corremos o risco de perdê-lo, a curto prazo, para a biopirataria.

Poder Público pode alienar, ceder ou alugar (a determinada nação ou empresa estrangeira) algum sítio de nossa biodiversidade, como a Amazônia, as cachoeiras do Rio Iguaçu, ou uma praia do Nordeste. Com a regulamentação preconizada pelo Dr. Fiorillo, nossa biodiversidade passaria a ter natureza jurídica difusa, ou seja, seria pertencente à toda a coletividade (uso comum do povo). Inalienável.

No âmbito da biopirataria, ocorreu há poucos anos um típico ato de rapina perpetrado por uma empresa japonesa, que patenteou a palavra/marca *cu-*

puaçu, em seu país, nos EUA e na União Européia. Ora, sabemos que o *cupuaçu* é uma fruta originária da Amazônia, utilizada para doces, sorvetes, refrescos e outras formas de alimento. O Brasil, por força da patente requerida, pode exportar a fruta mas não lhe é lícito fazê-lo com o nome *cupuaçu*, que é propriedade da empresa japonesa. No Japão, o *cupuaçu*, que eles roubaram daqui, serve de mistura para a elaboração de uma bebida infantil, do tipo de um achocolatado. Tramita nas cortes internacionais um processo, originário do Itamaraty, visando a anulação daquele ato de biopirataria. Há poucas expectativas de re-



versão... A gente não imagina o que se perde, de mão-beijada para a biopirataria internacional, sob os olhares sonolentos de nossos governos.

Considerando que a biopirataria é um ato de agressão à soberania nacional, em todos os encontros, conferências e debates que se vai, as perguntas em geral são as mesmas, e giram em torno da forma de combater a biopirataria. O assunto gira em torno da larga interface ambiental do Brasil. Não adianta apenas a adoção de políticas de fiscalização e coerção. Nosso problema origina-se nas fron-

Senhora de Fourvière

Roque Vicente Beraldi

teiras, vastas e abertas, bem como numa biodiversidade em grau superlativo, quase incontrolável. Os técnicos do MMA (Ministério do Meio-ambiente) apontam como estratégia de primeiro combate à biopirataria:

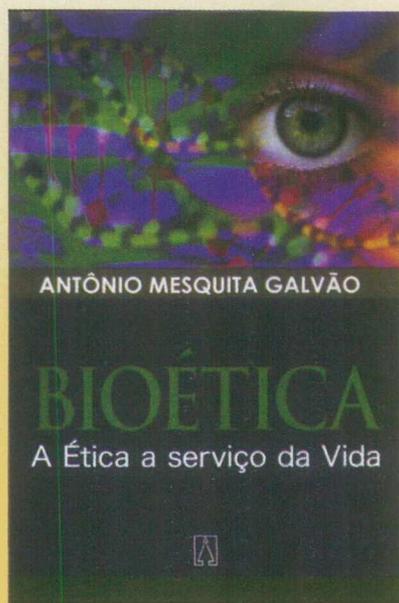
- melhor gestão ambiental;
- articulação intergovernamental entre a Polícia Federal, o IBAMA, a ABIN, o MCT, a FUNAI, etc.;
- sistema de regulamentação do acesso e repartição dos benefícios;
- fiscalização e educação;
- investimento em pesquisa, desenvolvimento, inovação e proteção intelectual.

É impressionante, por falta de legislação, vigilância e sanções penais, o que o Brasil perde anualmente com a biopirataria¹.



¹ Mais informações sobre o assunto podem ser colhidas junto ao Ministério do Meio-Ambiente: www.mma.gov.br/port/cgen

Nova obra do autor



Antônio Mesquita Galvão é Teólogo, doutorando em Teologia Moral. Autor do livro "Bioética, a ética a serviço da vida", Ed. Santuário, lançado na "Feira do Livro de Porto Alegre", 2004.

Visitante que deseja conhecer a cidade de Lyon, na França, encontrará, entre seus monumentos e construções, uma linda basílica. Basílica, etimologicamente significa rei, é de origem grega: *basileus*. O palácio onde o rei morava, os helênicos denominavam "basílica — a casa do rei", construção com amplas salas para abrigar muita gente.

Com o tempo o povo começou chamar de basílica, também, os templos onde se concentrava para reuniões religiosas e no paganismo prestar culto às divindades, oferecer homenagens aos seus deuses.

Entre os romanos, por analogia, basílica era um edifício público amplo e de fácil acomodação de muita gente. Servia de tribunal e ponto de reunião dos comerciantes daquela época, para contratação de compra e venda de mercadorias. Empregavam ainda tais prédios para fins religiosos.

Quando as autoridades aceitaram o cristianismo, muitos desses salões foram transformados em igrejas pela mesma razão de serem amplos e conservaram o nome de basílica. A característica do tamanho, porém, já não influenciava, porque umas foram chamadas de basílicas maiores e outras de basílicas menores. O que as distinguia das outras igrejas eram os privilégios concedidos pelos Papas. Tinham certas prerrogativas sobre outras, a exceção de catedral e de igrejas principais. Quem visitasse tais templos agradados com o título de

basílicas, podia lucrar indulgências e outros benefícios religiosos. Dava-se isto em Roma, onde apareceram as primeiras basílicas, e em todo o mundo. Uma dessas basílicas foi a de Fourvière.

Num subúrbio da cidade de Lyon havia uma pequena capela construída na época de Potino, Século II. Por volta do ano 1643, uma peste dizimou grande parte da população de Lyon. O povo fez uma promessa de anualmente, no dia 8 de setembro, ir em peregrinação a Fourvière, para conseguir a proteção de Nossa Senhora. A peste terminou e em sinal de agradecimento, no lugar da pequena ermida, construíram a linda basílica, que recebeu



o nome do lugar: Nossa Senhora de Fourvière. A imagem é de cor preta. Há muitos ex-votos fixos nas paredes do templo. As seqüentes peregrinações datam dessa época. Por um voto do clero durante a guerra de 1870 a 1871 o arquiteto Pedro Bossan idealizou a nova basílica iniciada em 1872. Finalmente, inauguraram-na em 1896.

ORAÇÃO

Senhor nosso Deus, concedei-nos sempre saúde de alma e de corpo, e fazei que, pela intercessão da Virgem Maria, sob o título de Fourvière, libertos das tristezas presentes, gozemos as alegrias eternas. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. Amém.

Roque Vicente Beraldi é sacerdote, missionário claretiano.

Somos humanizadores?

Francisco Gomes de Matos

Vivemos na era dos direitos humanos: em eventos e na mídia, lê-se ou ouve-se menção a direitos de crianças, adolescentes, idosos, mulheres, sem-terra, minorias indígenas e, no contexto educacional, já se começa a falar em direitos de aprendizes e professores (de línguas, por exemplo).

Quando introduzo o conceito-chave de direitos humanos em oficinas pedagógicas ou palestras, costumo apresentar a família das palavras que têm a ver com humano/a e explico o ano em que cada membro teria surgido sob forma escrita.



Após a apresentação e discussão dos itens listados (no quadro), pergunto: O que é humanizar?

Em geral, ouço respostas como estas: tornar humano, tratar com bondade ou com benevolência. Percebo que outro sentido, mais abrangente e profundo, não parece estar incluído no dicionário mental das pessoas: humanizar como estar imbuído dos ideais de direitos humanos, da justiça e da paz e saber aplicar esses valores. Por isso, aproveito para introduzir uma distinção que, a meu ver, faz-se necessária: (pessoa) humanista X (pessoa) humanizadora. Na verdade, trata-se de dois papéis desempenhados por seres humanos no *continuum* da humanização: por um lado, somos humanistas, se soubermos honrar a tradição do humanismo (ênfase nos interes-

ses, valores e na dignidade humanas); por outro, seremos humanizadores se pregar-mos e aplicarmos os direitos humanos, a justiça, a paz, a democracia.

Uma vez aceita essa caracterização de nossos papéis no teatro da humanização existencial, passamos à verificação do que poderiam constituir ações humanizadoras. Para isso, apresentamos uma lista que pode ser usada para auto-avaliação individual ou grupal, um debate mais aprofundado, uma adequação aos contextos em que as pessoas interagem, uma comparação intra ou intergrupal, etc.

Aproveito para esclarecer que meu primeiro uso do verbo humanizar, em uma publicação, ocorreu em 1977: em meu Posfácio ao Dicionário de Lingüística e Gramática do saudoso J. Mattoso Câmara Jr. (edição da Vozes), inclui um verbete sobre Lingüística Humana, no qual faço duas perguntas: De que modo podem os falantes humanizar-se ainda mais lingüísticamente? De que modo professores, alunos e métodos de ensino podem ser mais humanizados?

Lista para auto-avaliação

Sou humanizador(a), se...

- Prego e pratico direitos e deveres comunicativos, por exemplo: asseguro aos alunos (em sala de aula), aos meus colaboradores (em uma empresa) o direito de ouvir e o direito de ser ouvido.

- Trato e retrato as pessoas, grupos, comunidades com dignidade.

Assim, evitaria chamar alguém de "deficiente físico/mental";

(Lembraria eu, vivemos numa época em que se perpetram tantas humilhações, e que essa problemática é objeto de estudo de um grupo de pesquisado-

Lista de palavras e expressões, com as datações de surgimento

Humano(a) e humanidade	1350
Humanista (na língua escrita)	1580
Humanizar e humanizador	1595
(em Francês: humaniser, em inglês: humanize)	
Natureza humana	1735
Direitos humanos	1785
Humanismo	1805
Humanitário e humanitarismo	1810
Ser humano	1855
Recursos humanos	1965

res de vários países. Visite-se a página www.humiliationstudies.org.

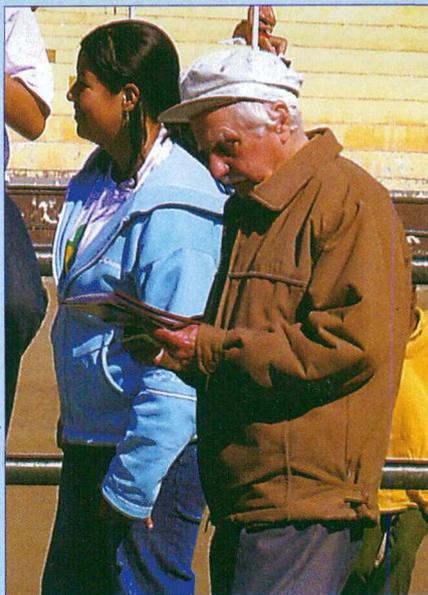
- Exerço meu direito de criticar com empatia e compaixão, pondo-me no lugar da pessoa cuja idéia está sendo questionada.

- Sustento uma visão de mundo construtiva, esperançosa, otimista, positiva e combato idéias destrutivas, pessimistas, negativistas.

- Avalio o desempenho de pessoas e grupos, com base em critérios que destacam, priorizam os pontos fortes apresentados, as contribuições dadas, em vez de recorrer a uma prática avaliativa que só aponta defeitos, erros, falhas, imperfeições, lacunas. Perguntemo-nos: Somos avaliadores humanizadores? Teremos sido preparados para essa imensa responsabilidade?

- Avalio meu desempenho profissional — após uma aula, por exemplo — através de perguntas como fui humanizador(a)? E, não apenas, como tradicionalmente se faz: Fui eficaz? Ensinéi bem?, etc.

- Observo os modos de comunicar das pessoas com quem convivo (ou na mídia impressa, televisiva, eletrônica) e busco exemplaridade humanizadora. Que pessoas considero hu-



Fotos: Avelino S. de Godoy

Humanizar a comunicação comunitária é um desafio à espera de pesquisas teóricas e práticas. Lembraria o exemplo da Holanda, país que investe para assegurar aos cidadãos a compreensão de documentos, sejam oficiais ou não.

manizadamente exemplares? Por quê? Registro (anoto, gravo) pensamentos, textos que possam me inspirar como humanizador(a)?

- Asseguro, ao meu próximo lingüís-

tico, o direito de compreender, através de textos falados ou escritos. No caso de documentos que os cidadãos tenham que ler — assinar! — até que ponto as instituições co-responsáveis estarão humanizando esses textos, isto é, tornando-os compreensíveis para quem tenha baixo grau de escolaridade, por exemplo?

Conclusão

Humanizar a comunicação comunitária é um desafio à espera de pesquisas teóricas e práticas. Lembraria o exemplo da Holanda, país que investe para assegurar aos cidadãos a compreensão de documentos, sejam oficiais ou não.

Quando pensamos em produzir documentos de alta qualidade, estamos conscientes de que esse processo requer também humanização?

Que este artigo contribua para uma humanização mais profunda dos leitores, e que pautemos nossos modos de humanizar nas palavras e ações de nosso maior humanizador: Jesus Cristo.



Francisco Gomes de Matos é professor no Departamento de Letras, CAC, UFPE e membro da Comissão de Direitos Humanos Dom Hélder Câmara. E-mail: fcgm@hotmail.com.br

Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena

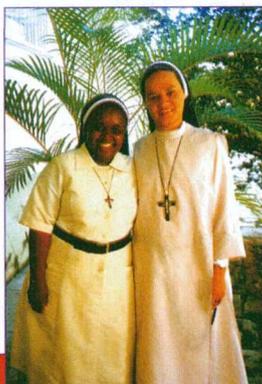
JOVEM

Embarque em nossa proposta de fazer o bem em todo tempo e lugar.

- Educação • Catequese
- Pastoral paroquial
- Assistência e Pastoral da Saúde
- Missões: dentro e fora do País

**VENHA NOS VISITAR
OU
COMUNIQUE-SE CONOSCO**

“Nada se pode comparar com a felicidade de ser toda de (Madre) Ursula.”



São Paulo, SP — Casa Provincial
R. Manoel da Nóbrega, 307 (Paraíso) CEP 04001-081
São Paulo, SP - Tel. (11) 288-2951
e-mail: irsdominicanas@uol.com.br

Limeira, SP — Praça Dr. Luciano Esteves, 30
CEP 13 480-048 Limeira, SP - Tel. (19) 441-6916

Londrina, PR — R. Caetano Munhoz da Rocha, 258 (Pq. Bom Retiro) Londrina, PR
CEP 86 025-660 - Tel. (0_43) 329-1326

Petrolina, PE — Rua Joaquim Nabuco, 541
Petrolina, PE CEP 56 300-000 - Tel. (0_81) 861-0327

CONHEÇA NOSSO TRABALHO PELA INTERNET:

www.dominicanas.com.br

Novo conceito de revelação

José María Vigil

(Continuação)

Na antiga visão de revelação pela Bíblia, Deus é considerado como seu autor de maneira extrema e unilateral. Este conceito (tratado em edições anteriores) foi-se fragmentando pouco a pouco ao sofrer o embate do pensamento moderno.

Pois bem, a transformação do conceito de revelação é a base do crescimento do Pluralismo Religioso diante do Inclusivismo, como paradigma do desenvolvimento da teologia das religiões. Assim como o “fim da cristandade” foi confundido pelos teólogos conservadores como o “fim do cristianismo”, do mesmo modo, a posição pluralista é confundida com a negação do cristianismo.

Tanto o heliocentrismo, no passado, quanto o teocentrismo pluralista, hoje, são considerados contrário à Bíblia, ponto central das resistências ao avanço pluralista. Por isso, a atualidade do tema. Vamos fazer uma síntese dos elementos principais desta nova visão que possibilite uma correção de mentalidade a partir do Inclusivismo para o Pluralismo.

• A revelação se dá em um processo humano e dentro da história, não cai já pronta, do céu. “A revelação — seja o que for em sua essência íntima — não apareceu como palavra pronta, como oráculo de uma divindade, ouvido por um vidente ou um adivinho, senão como experiência viva, como “cair na

conta” a partir das sugestões e necessidades das circunstâncias e apoiado no contato misterioso com o sagrado”.¹

A revelação não é, na realidade, palavras ou textos, mas como processo vital existencial de um povo que fez uma experiência religiosa, materializa-

capacidade cultural do ambiente e nas possibilidades da língua, no esforço para responder às perguntas e necessidades concretas das diversas comunidades, na reflexão teológica de figuras individuais ou de comunidades determinadas. “Dá-se” em tudo isso; não dizemos que “se reduza” a isso.³ A revelação é “a manifestação do fundo do ser para o conhecimento humano”.⁴

• A revelação é um processo universal, em



Foto: Avelino S. de Godoy

É preciso “descobrir toda realidade como manifestação de Deus. Ela é o lugar da força reveladora do Senhor sobre o espírito do ser humano. Há evidência da revelação naquela realidade toda. Na medida em que alguma coisa existe, é manifestação de Deus”.

da finalmente em uma expressão escrita. A revelação, porém, não é o texto, não são as palavras, não é um livro. É mais que isso. É o processo, a experiência religiosa mesma pela qual esse povo, como os demais povos, deu um sentido à sua vida, a partir dos mitos do mundo religioso e cultural em que vivia, matizado e refeito, porém, pela experiência de Deus que viveram em sua história.²

Não há revelação em estado puro... Ela só se dá na densidade do humano, no laborioso processo das tradições, na

todos os povos. Todos eles são humanos e a necessidade de dotar-se de um sentido religioso, tanto individual como comunitariamente, entra no ser humano. Os antropólogos têm certeza de que estão diante de um jazigo arqueológico de restos “humanos” e não de “hominídeos” quando neles observam sinais de sepultamentos religiosos... Diríamos que o *homo sapiens* foi, desde o princípio, comparável ao *homo religiosus*. No “período axial” (800-200 a.C.), um mesmo tipo de experiência re-

ligiosa cruzou o mundo antigo em numerosos povos, dando origem às grandes religiões mundiais atuais.

Cientistas da religião, assim como antropólogos, arqueólogos, teólogos, biblistas... concordam em que o processo interno vivido pelo povo de Deus que se reflete na Bíblia é estruturalmente semelhante aos processos religiosos de outros povos, à margem e anterior ao processo do povo de Israel.⁵

• Todas as religiões são reveladas. Houve um tempo em que os historiadores das religiões distinguiam taxativamente entre religiões “naturais” e “reveladas”; “um estudo mais atento, porém, demonstrou que esta divisão é muito difícil de ser sustentada”.⁶ De nossa parte, cristãos, tendemos logicamente a considerar a *Bíblia* como um mundo à parte, sem algum contato com a realidade circundante, como nascida inteiramente de si mesma, sem influências nem contaminações... Na realidade, hoje, nenhum teólogo sério pretenderá que as Escrituras hebraicas (Antigo Testamento) e cristãs (Novo Testamento) possam ser separadas das demais obras em que se registram as crenças e as experiências religiosas das demais religiões.⁷ “A revelação pertence à autocompreensão de toda religião, que sempre se considera a si mesma como criação divina, e não meramente humana”.⁸ “Religiões da revelação, todas o são”.⁹

• Deus quer-se revelar a todos os seres humanos e a todos os povos e quer-se revelar o máximo que pode, sempre, em todo momento. Temos que pensar que a limitação dessa revelação é limitação de recepção e é uma limitação nossa...¹⁰

• Esta nova compreensão da revelação implica uma tomada de consciência da “ampliação do campo revelatório”. É preciso “descobrir toda realidade como manifestação de Deus. Ela é o lugar da pressão reveladora do Senhor sobre o espírito do ser humano. De modo que, incluído dentro da radical e constitutiva obscuridade, há evidência da revelação naquela realidade toda. Na medida em que alguma coisa existe, é manifestação de Deus”.¹¹

• As religiões são, em definitivo, os pontos onde se condensa essa ‘evidência’ geral, os lugares onde a força reveladora consegue romper expressamente a escuridão do espírito finito. A religião bíblica não se torna, neste sentido, diferente. Por isso, longe de exclusivismos caducos, há de se partir da premissa fundamental: ‘todas as religiões são verdadeiras’, no sentido de que nelas se capta realmente, ainda que não adequadamente, a presença de Deus. Os limites estão no modo e na definitividade’.¹²

Com estas observações finais de Andrés Torres Queiruga, concluímos também esta apresentação resumida da transformação do conceito de revelação

que, como vimos, coloca-nos com uma predisposição muito distinta diante do panorama dos paradigmas ou das diversas posições teológicas da teologia das religiões. Evidentemente, a síntese aqui apresentada não dispensa a utilidade de uma abordagem pessoal mais ampla da questão. Exortamos ao leitor a fazê-lo.

(Continua na próxima edição).

1. TORRES QUEIRUGA, Andrés, *La revelación de Dios en la realización del hombre*, Cristiandad, Madrid, 1987, pp. 66-67.
2. *Ibid.*
3. *Ibid.* 85-86.
4. Paul TILLICH, *Teologia Sistemática*, I. Barcelona 1972, p.128.
5. Norberto LOHFINK fala do caso de Mari, onde, meio século antes de Moisés, da existência de Israel como povo, mil anos antes da ‘culminação’ da profecia de Israel, já existiam homens que, apesar de todas as diferenças concretas, apresentavam-se de forma semelhante aos profetas posteriores do povo judeu (*Los profetas, ayer y hoy*, in Gonzales/Lohfink/Von Rad, *Profetas verdaderos, profetas falsos*, Sígueme, Salamanca, 1976, p. 107. Cf. Torres Queiruga, *ibid.*, 69).
6. E.O. JAMES, *Introducción a la historia comparada de las religiones*, Cristiandad, Madrid, 1973, p.16. TORRES QUEIRUGA, *ibid.*, 29.
7. TORRES QUEIRUGA, *ibid.*, 29.
8. C.M. EDMANN, *Offenbarung I*. Citado por TORRES QUEIRUGA, *ibid.* 28.
9. TORRES QUEIRUGA, *ibid.*, 32.
10. Estas são as conclusões-síntese do tratado de Revelação de TORRES QUEIRUGA, *ibid.*, 459, epílogo.
11. *Ibid.*, 466.
12. *Ibid.*, 467 e 471.

José M. Vigil é missionário claretiano no Panamá. Um dos editores da *Agenda Latino-americana-mundial*. <http://servicioskoinonia.org/agenda>

NA PAZ DO SENHOR

- Foto 1: **Maria Angélica de Resende**, aos 27.11.2003, com 85 anos. Em Brasópolis, MG, **Francisca Carneiro Toledo**, aos 11.03.2004, com 91 anos.
Foto 2: Em Brasópolis, MG, **Maria de Fátima Faria**, aos 30.04.2004, com 49 anos. Em Porto Alegre, RS, **Antônia Possebom Thiesen**, aos 28.07.2004, com 84 anos.
Foto 3: **Atílio Jacob Ferri**, aos 14.08.2004, com 86 anos. Em Pelotas, RS, **Manoel dos Santos**, aos 28.08.2004, com 87 anos.
Foto 4: Em Goianésia, GO, **Helena Sabina Barbosa**, aos 10.05.2004, com 71 anos.
Foto 5: **Belarmina (Morena)** aos 13.05.2004, com 76 anos.



ASSINANTES EM FESTA

Em Varginha, MG, **Pe. Domingos Prado da Fonseca**, aos 3 de dezembro de 2004, comemorou seus 60 anos de vida sacerdotal. É vigário de Boa Esperança, MG, e professor de Filosofia na UNES de Varginha. Felicitações pelo seu incansável exemplo de vida e de esperança na fé que abraçou.

Em Curitiba, PR, **Irmã Agostinha Gai**, aos 8.9.2004 completou 100 anos de vida. Em Porto Alegre, RS, **Carmen Sílvia Machado Galvão** e **Antônio Mesquita Galvão**, escritores, teólogos e colaboradores desta revista, completaram 40 anos de casamento em 2004. Desse feliz matrimônio, há muitas coisas a comemorar: filhos, amigos e uma obra (90 livros dele e 6 dela) voltada para a evangelização. Vida a dois norteada pelo Evangelho.



A palavra é...

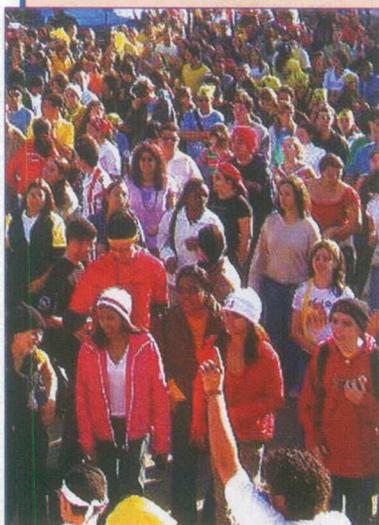
Elaborado por
Luís Erlin

Nesta seção, o leitor encontrará a explicação de palavras empregadas nas celebrações litúrgicas. Se desejar, escreva-nos, solicitando o significado de algum outro termo.

Catequese

Esta palavra tem origem grega, Katekheisis – o mesmo que instrução oral. Catequese é, portanto, todo ensinamento transmitido oralmente. A Igreja adotou esse termo para expressar o processo de explicação metódica da doutrina cristã e dos mistérios da fé.

A catequese é uma educação da fé das crianças, dos jovens e dos adultos, a qual compreende especialmente um ensino da doutrina cristã, dado em geral de maneira orgânica e sistemática, com fim o de os iniciar na plenitude da vida cristã (*Catechesi Tradendae*, 18).



O Código de Direito Canônico salienta que todos os cristãos são chamados a ser testemunhas de Cristo: “A solicitude pela catequese, sob a direção da legítima autoridade eclesial, é responsabilidade de todos os membros da Igreja, cada um segundo suas funções. Antes de quaisquer outros, os pais têm obrigação de formar, pela palavra e pelo exemplo,

seus filhos na fé e na prática da vida cristã; igual obrigação têm aqueles que fazem as vezes dos pais e padrinhos” (cânon. 774).

Quando se fala de catequese, hoje, logo se imagina a preparação para alguns sacramentos – eucaristia, crisma –, mas a catequese não se resume a esses encontros, pois se assim fosse a responsabilidade total da preparação das crianças e dos jovens seria dos catequistas, porém a Igreja nos lembra que todos nós somos evangelizadores.

Vale lembrar também que catequese não é aula, é muito mais testemunho de vida, celebração, vivência da fé, do que doutrinação simplesmente dita. 

Altar

Tanto a língua grega quanto a hebraica definem o altar como o lugar de Deus, referindo-se ao lugar onde eram oferecidos os holocaustos (sacrifícios).

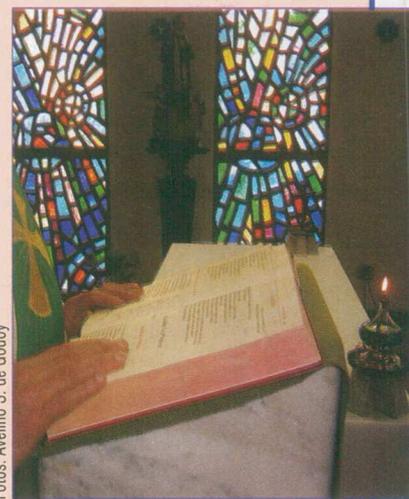
Os sacrifícios são tão antigos como em nós é o sentimento de culpa. Nos povos antigos, os holocaustos eram realizados para purificação, expiação dos pecados.

No Antigo Testamento, oferecer vítimas (animais) a Deus era fundamental para a fé judaica. Vale lembrar a passagem bíblica, já no Novo Testamento, em que José e Maria vão apresentar Jesus no Templo: *Concluídos os dias da sua purificação segundo a Lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém para o apresentar ao Senhor, conforme o que está escrito na lei do Senhor (...) e para oferecerem o sacrifício prescrito pela lei do Senhor, um par de rolas ou dois pombinhos.* (Lc 2,22-24).

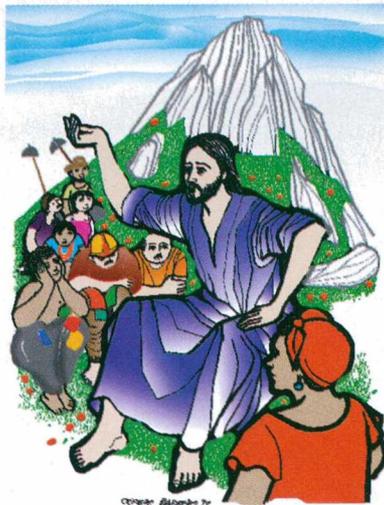
No Cristianismo, holocaustos antigos foram substituídos pelo Único Sacrifício de Cristo.

O altar da nova aliança é a cruz do Senhor, da qual brotam os sacramentos do mistério pascal. Sobre o altar, que é o centro da igreja, faz-se presente o Sacrifício da Cruz sob os sinais sacramentais. Ele é também a mesa do Senhor, para a qual o povo de Deus é convidado (*Catecismo da Igreja Católica*, 1182).

O coração do fiel deve ser transformado num altar, e todo nosso ser deve ser entregue em doação ao Pai. 



Fotos: Avelino S. de Godoy



Buscar a pobreza de coração

4º domingo do Tempo Comum

30 de janeiro

INTRODUÇÃO

Não se condena quem possui dinheiro e bens, nem se enaltece a pobreza material. Mas sim, critica-se a avareza do rico e o orgulho do pobre.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura: Sofonias 2,3; 3,12-13

Sofonias já confirmava essa idéia, em seu livro, no ano 635 a.C. As metas, por ele apontadas, são: *a justiça e a humildade...* (2,3); *o refúgio no Senhor...* (3,12). Ora, isto vale para ricos e pobres.

Pela primeira vez, na *Bíblia*, a palavra “pobre” é empregada com conotação nova: já não indica somente uma condição social e econômica, mas postura religiosa interior.

Segundo Sofonias, “pobre” é aquele que, não tendo segurança alguma, confia inteiramente em Deus e se submete à sua vontade.

O rico pode pôr sua confiança no dinheiro, mas cedo perceberá seu engano, pois felicidade não se compra. O pobre orgulhoso poderá pensar que

basta a si mesmo e não precisa da ajuda de ninguém.

A espiritualidade da “pobreza” foi depois desenvolvida em larga escala nos Salmos. Nestes, pode-se meditar que ser pobre é buscar a perfeição espiritual, a piedade e o temor de Deus.

Para meditação: Salmo 145, 7.8-9a.9bc-10 (Refrão: *Felizes os pobres em espírito*). O salmista reflete que não tem sólido fundamento a esperança no dinheiro e nos poderosos. O único que merece toda a nossa confiança é o Senhor onipotente e fiel, que socorre a todos.

2ª leitura: Primeira Carta aos Coríntios 1,26-31

Paulo escreve aos cristãos de uma comunidade cheia de discórdias, divisões, invejas e ciúmes, antes, tão fervorosa e unida.

Qual o motivo dessa mudança? Haviam deixado de rezar: tinham-se esquecido de que *era pela graça de Deus que estavam em Jesus Cristo* (v.30). Como conseqüência, ficaram orgulhosos e foram seduzidos pelo espírito de competição. Esquecidos de que eram todos iguais, quer como simples criaturas quer como batizados, cada um queria dominar os outros, ser superior, tornar-se “pessoa importante”, ficar “rico” no coração.

O Apóstolo revela as preferências de Deus: tanto ricos como pobres de bens materiais, mas que não se julgam maior que os outros. A estes, Deus escolhe para enriquecer com seus dons.

Aclamação ao Evangelho: (Mateus 5,12) - Aleluia, aleluia, aleluia. *Alegrai-vos e exultai, pois é grande no céu a vossa recompensa.* Aleluia, aleluia, aleluia.

Evangelho: Mateus 5,1-12a

As oito bem-aventuranças poderiam ser resumidas pela primeira delas: *Bem-aventurados os pobres em espírito.*

É preciso ser pobre “em espírito”, ou seja, ter feito a escolha de não acumular bens para si, ter renunciado ao uso egoísta das próprias capacidades e ter colocado tudo o que se possui a serviço dos irmãos. Mas há um preço a ser pago por quem decide seguir a Cristo. É inevitável que, ao levar adiante a proposta de uma sociedade baseada em relações completamente novas, sejamos incompreendidos e até molestados pelos que defendem o domínio dos fortes sobre os fracos.

Os opressores julgam que a vinda do Reino ameaça suas posições, e é por isso que agridem com violência os que se comprometem com a luta contra a miséria, a injustiça, a discriminação.

Jesus não nos iludiu e deu o exemplo. Não nos prometeu uma vida fácil, folgada, repleta de sucessos. Mas a perseguição não vai impedir o avanço do mundo novo. Basta-nos ser como o Mestre. Se maltrataram o dono da casa, tanto mais o farão a seus familiares (cf. Mateus 10,24-25).

Isso não deve ser considerado um sinal de fracasso, deve-nos até encher o coração de alegria. Também a Jesus aconteceu a mesma coisa. Ele nos preveniu: *Orai pelos vossos perseguidores* (Mateus 5,44). Convidou-nos a demonstrar que a única força capaz de romper a espiral da violência é o amor e o perdão. É ter, enfim, pobreza de coração.

REFLEXÃO

Recusamos o uso da violência como solução para restabelecer a justiça? Nossa vida demonstra que somos guiados pelo amor em relação às pessoas que julgamos difíceis de trato? Construimos a paz lutando contra os sinais de morte: desemprego, fome, falta de moradia, discriminação contra idosos, crianças e doentes? 



Não esconder a luz!

5º domingo do Tempo Comum
6 de fevereiro

INTRODUÇÃO

Não podemos esconder as doutrinas que “incomodam”, como por exemplo: a partilha dos bens, o perdão sem condições, o amor gratuito até para o inimigo, a renúncia total ao uso da violência, sob pena de fugirmos de nossa missão de difundir a Luz de Deus no mundo.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura: Isaías 58,7-10

A firmeza de Isaías não nos permite cruzar os braços nem nos omitir diante da fome, da miséria e da opressão que estão à nossa volta. Só neste caso a glória do Senhor estará conosco e seremos como a luz que espanta a escuridão.

Isaías explica quais as práticas religiosas agradáveis a Deus, e reage contra a religião feita de puro formalismo. Não são as palavras que dão testemunho da vinda do reino de Deus, mas a prática da vida, o comprometimento com tarefas construtivas. Devemos misturar, com o mundo, lado a lado com eles, para dar-lhe o sabor

novo, o fermento de salvação trazido por Cristo.

Em casa, os pais educam melhor seus filhos quando, em vez de só ficarem ditando normas, cumprem-nas, esforçando-se para serem exemplo de vida cristã. Assim, em vez de só levarem os filhos ao catecismo, freqüentam a igreja e participam ativamente da vida da paróquia; em vez de somente exigirem respeito, tem compreensão com todos os membros da família principalmente quando se depararem com quem tem opiniões diferentes das suas.

Para meditação: Salmo 111,4-5.6-7.8a.e 9 (Refrão: *Surge nas trevas uma luz para os justos*). O homem que pratica o bem, misericordioso e justo, é como luz que se eleva sobre as trevas.

2ª leitura: 1Cor 2,1-5

Há o perigo de a “luz” se envaidecer de sua luminosidade ou o “sal” julgar que sua força vem dele mesmo.

Consciente desse risco, Paulo escreve que as pregações dele, em si mesmas, eram cheias de fraqueza e nada tinham da persuasiva sabedoria. Além disso, o tema de sua pregação — Cristo crucificado — era de difícil aceitação. Pois era um convite para entrar pela porta estreita e poucos são os que aceitam o caminho apertado da vida renovada; ao passo que larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição e numerosos são os que por aí entram (cf. Mateus 7,13).

De fato, o caminho da cruz exige renúncia de nós mesmos. No entanto, o Espírito Santo trabalha em nós como operou naquela comunidade através da fraqueza do Apóstolo. Prova dessa ajuda estava demonstrada na fé dos coríntios, firmada no poder de Deus.

As “obras da Luz”, portanto, são obra do Espírito através de nossa fragilidade. Não há lugar para presunção,

vanglória, soberba. Só muita oração e humildade para reconhecer que é Deus quem ilumina e não nós.

Aclamação ao Evangelho: (João 8,12)

Aleluia, aleluia, aleluia. *Eu sou a luz do mundo, diz o Senhor, quem me segue terá a luz da vida* (João 8,12). Aleluia, aleluia, aleluia

Evangelho: Mateus 5,13-16

Jesus diz que temos por missão espalhar a luz que ele trouxe ao mundo.

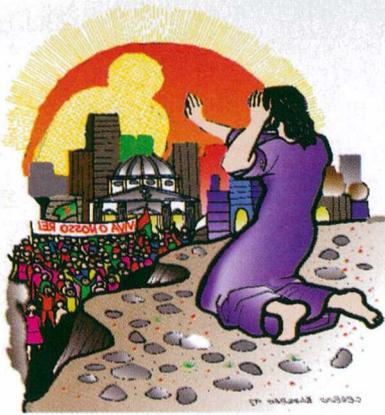
Nossa preocupação deve ser a de não escondê-la, ou seja, de não ocultar aquelas partes da doutrina que parecem muito difíceis, como partilhar do que é nosso com as pessoas que perderam tudo e passam necessidade; perdoar a quem nos ofendeu, sem guardar-lhe rancor nem o desejo secreto de nos vingarmos na primeira oportunidade; não pagar o mal com o mal, principalmente não usar de violência com os violentos.

Não nos devemos preocupar em defender ou justificar o que o Evangelho diz. Precisamos, sim, esforçarmo-nos para praticá-lo. Nossa maneira de reagir diante das várias situações, conforme a doutrina de Jesus, iluminará os outros e assim poderão glorificar, não a nós, mas *ao Pai que está nos céus* (v.16).

Num mundo onde cada qual só pensa em si mesmo, somos chamados a ser também como o *sal* que conserva, ou seja, a reviver permanentemente e para todos o princípio de nossa doação aos irmãos.

REFLEXÃO

Se temos a missão de educar, damos, primeiro, o exemplo? Sabemos receber a crítica como algo que nos faz crescer? Respeitamos as opiniões diferentes da nossa e nos abrimos ao diálogo? Deixamo-nos encher de vaidade, julgando que a luz vem de nós? 



Fidelidade de Jesus à vontade do Pai

1º domingo da Quaresma
13 de fevereiro

INTRODUÇÃO

A Quaresma é mais uma atitude permanente de vida cristã que um espaço de tempo. É todo um estilo e modo de viver cristãmente no mundo atual, refletido nas atitudes básicas do discípulo de Jesus que brotadas do Sermão da Montanha, como vimos em domingos anteriores.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura: Gênesis 2,7-9;3,1-7

Esta narrativa não nos quer contar aquilo que aconteceu somente uma vez no começo do mundo, mas aquilo que acontece, todos os dias, para todos nós quando nos deixamos guiar por nós mesmos e não queremos dar ouvidos à Palavra de Deus.

Só Deus tem capacidade de distinguir o bem do mal. Quando nos esquecemos de que somos criaturas e queremos nos tornar como Deus, então nos destruímos. Não sabemos fazer as escolhas certas, corremos atrás de veleidades, deixamo-nos guiar pelas paixões: orgulho, ira, inveja, luxúria e

acabamos chamando bem o que é mal.

Além disso, quando não respeitamos o projeto de Deus, não aceitamos a sua lei e queremos substituí-la por uma lei moral própria, então tudo se revolta contra nós, tudo fica estragado e desarrumado.

Não é que Deus, tomado pela ira, nos castigue. Deus não faz isso. Ele somente salva! Somos nós mesmos que, praticando o mal, nos castigamos: acabamos com nosso casamento, emprego, amizades, namoro, destruímos a criação e acabamos por nos tornar infelizes.

Para meditação: Salmo 50,3-4.5-6a.12-13.14.17 (Refrão: *Pequei, Senhor, misericórdia*). Diante de Deus, tenhamos a humildade de reconhecer nosso pecado e peçamos-lhe perdão.

2ª leitura: Romanos 5,12-19

Adão quis ser senhor do bem e do mal e obteve como resultado a morte. Com sua desobediência, introduziu no mundo a potência do mal, o pecado, acarretando-nos um juízo de condenação e tornando-nos, por nossa solidariedade com ele, pecadores.

Cristo, ao invés, reconheceu sua própria dependência de Deus, sempre foi fiel e obediente ao Pai e se tornou Senhor da vida. Com um ato de justiça e de obediência, introduziu no mundo a graça e a vida.

Nesta Quaresma, somos convidados a fazer a nossa escolha entre estes dois: Adão ou Cristo.

Aclamação ao Evangelho: (Mateus 4,4b) Louvor a vós, ó Cristo, rei da eterna glória. *Não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus* (Mateus 4,4b). Louvor a vós, ó Cristo, rei da eterna glória.

Evangelho: Mateus 4,1-11

Como o povo de Israel, Jesus é conduzido ao deserto, lá permanece por 40 dias, que lembram os 40 anos passa-

dos pelos israelitas em busca da Terra Prometida e, como eles sente fome.

Primeira tentação. Com esta figura, Mateus diz-nos que, durante sua vida, Jesus foi tentado a reduzir sua missão e a salvação do homem ao aumento da produção dos bens materiais.

Não se apresenta também para nós, hoje, esta tentação? Nunca fomos atingidos pela idéia de que, para ter uma vida bem-sucedida, é suficiente possuir muitos bens?

Segunda tentação. O povo de Israel no deserto quando teve fome e sede, submeteu Deus à prova, pedindo-lhe para fazer brotar água e fazer cair o pão do céu.

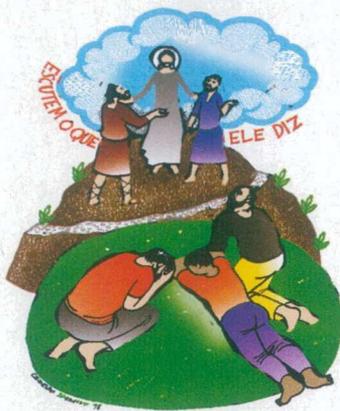
Ao dizermos por exemplo: "Senhor, se me amas, ajuda-me a encontrar um bom emprego", cedemos a esta tentação. Peçamos-lhe que em qualquer situação, agradável ou triste, conceda-nos a luz e a força para sairmos dela mais amadurecidos.

Terceira tentação. O povo de Israel no deserto, a certa altura, cansa-se do seu Deus e adora um bezerro de ouro: ídolo material, obra das mãos do homem.

Jesus não aceita inclinar-se diante de ídolo algum: não se deixa seduzir pelo poder político, dinheiro, força das armas, sucesso. Ouve sempre e somente a voz do Pai. Sempre estamos sujeitos a esta tentação de escolher o deus que concede o domínio sobre os demais, fama, muitos títulos honrosos, que nos beijem a mão, que nos reverenciem. Quem oferece estas coisas não é de Deus. O Pai só oferece a seus filhos serviços a prestar, com humildade, aos irmãos.

REFLEXÃO

Guiamo-nos por nós mesmos ou ouvimos a palavra de Deus? Aprendemos com Cristo a ser fiéis a Deus? Refletimos que nossas tentações não são diferentes das de Cristo?



A Paixão é o caminho da Ressurreição

2º domingo da Quaresma
20 de fevereiro

INTRODUÇÃO

O Prefácio da missa deste domingo resume a mensagem da Transfiguração: “Cristo, Senhor nosso, depois de anunciar sua morte aos seus discípulos, mostrou-lhes no Monte santo o esplendor de sua glória para testemunhar, de acordo com a Lei e os Profetas, que a Paixão é o caminho da Ressurreição”.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura: Gênesis 12,1-4a

Os textos da liturgia da Palavra acentuam hoje esse sentido de caminho, de disponibilidade como resposta ao chamado de Deus.

A Liturgia nos convida a meditar na figura de Abraão, sua escolha e vocação por Deus. Terminou a etapa das origens da humanidade, do pecado, da maldade e do castigo: Adão e Eva, (como meditamos, domingo passado). Começa uma nova época de aliança e salvação de Deus que marca as origens do Povo escolhido.

Abraão é, portanto, uma figura da

história da salvação desse povo. Ele é o “o-que-vai-de-um-lugar-para-outro” de Deus: o destinatário de uma escolha totalmente gratuita por parte do Senhor que o chama para sair de sua terra, Ur da Caldéia, na Mesopotâmia, para ir a Canaã, na Palestina.

Nele, realizam-se a unidade da humanidade dispersa em Babel e a origem do Povo de Deus, Israel. Sua vocação traz consigo uma promessa-aliança de bênção pessoal — terra e descendência — e também universal; mas condicionada à sua resposta!

Para meditação: Salmo 32,4-5.18-19.20.22. Refrão: *Sobre nós, Senhor, esteja o vosso amor! Esperamos no Senhor, porque ele é nosso amparo e nosso escudo. Nele, pois, alegra-se nosso coração, em seu santo nome confiamos: “Seja-nos manifestada, Senhor, a vossa misericórdia, como a esperamos de vós”* (vv.20-22).

2ª leitura: 2ª carta a Timóteo 1,8b-10

No trecho extraído da carta deste dia, Paulo quer reanimar o jovem bispo Timóteo em suas duras provações. As coisas não corriam muito bem para as comunidades de toda aquela região; começavam as primeiras perseguições, muitos cristãos vacilavam na sua fé, desertavam dos encontros da comunidade e voltavam a fixar olhares e interesses nos bens deste mundo.

Lembra-lhe que a fidelidade a Cristo implica riscos e muitos sofrimentos. Não é próprio de Deus conduzir os homens por caminhos fáceis.

Não foi fácil a vida de Abraão, nem a de Cristo, nem de Paulo (na prisão), nem de Timóteo. Tão pouco, será a nossa.

Fomos chamados no batismo a uma vocação santa, não em virtude de nossas obras, mas em virtude do desígnio e graça de Deus. Esta verdade deve despertar em nós uma grande gratidão para com ele e um grande senso de

responsabilidade na resposta que devemos dar a este chamado divino.

Aclamação ao Evangelho (Marcos 9,7):

Glória e louvor a vós, ó Cristo. *Da nuvem luminosa, a voz do Pai dizia: “Este é o meu Filho bem-amado, ouvi-o!”* (Marcos 9,7). Glória e louvor a vós, ó Cristo.

Evangelho: Mateus 17,1-9

Mateus, visando à conversão dos judeus, compara Jesus a Moisés. Se lermos Êxodo, 24, veremos que também Moisés subiu “após seis dias”, que não foi sozinho, mas que tomou consigo dois discípulos e que foi envolto por uma nuvem. Na montanha, sua face foi transfigurada pela luz da glória divina.

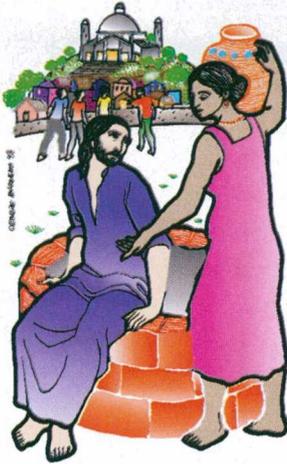
Mateus quer apresentar Jesus como o *novo Moisés*, como aquele que dá ao novo povo, representado pelos três discípulos, a nova lei, a revelação definitiva de Deus.

Neste começo da Quaresma, prestemos muita atenção para a mensagem da Transfiguração do Senhor ao longo de nossa vida, especialmente quando a “cruz” machuca, cercam-nos a escuridão e a dúvida, quando fraqueja nossa esperança. Jesus aproxima-se de nós e nos diz para nos *levantarmos e não termos medo*.

Jesus é nosso companheiro de caminhada até a luz final. Com ele seremos capazes de superar a prova de fé e experimentar a libertação da auto-renúncia e da cruz, no caminho para a Páscoa com Cristo.

REFLEXÃO

Quando o sofrimento nos prova, reconhecemos que Deus está por trás disso e aceitamos *ir-de-um-lugar-para-o-outro*? Acreditamos que após a cruz, virá a ressurreição, ou seja, que não há tempestades eternas? 



Se conheceses o dom de Deus...

3º domingo da Quaresma
27 de fevereiro

INTRODUÇÃO

A técnica, as descobertas científicas não matam a sede de segurança, de esperança, de felicidade que todos nós sentimos. Só a aceitação da palavra de Deus (*água viva*), dom divino, pode fazê-lo.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura: Êxodo 17,3-7

No primeiro domingo da Quaresma, meditamos sobre a segunda tentação de Jesus (*Se és Filho de Deus, atira-te daqui abaixo*). Lá, refletimos que, ao contrário do povo hebreu no deserto, Jesus se recusou a pedir sinais a Deus. Ele não precisava de provas para acreditar que o Pai o amava e que estava permanentemente a seu lado.

E nós? Na hora do fervor de nosso batismo, achamos que o Espírito nos conduziria sempre e somente para o bem. Achamos, então, que Deus nos protegeria de todas as desgraças, não teríamos mais doenças, problemas na família, acidentes no trabalho ou nas estradas...

Mas, quando surgiram dificuldades, de que modo procedemos? Desafiámos Deus a provar (na base de milagres) que nos amava, arranjando-nos um emprego, fazendo-nos passar nos exames, curando uma dor de dente?

O milagre não aconteceu e eis que nossa fé vacilou. Julgamos que Deus não nos amava, duvidamos até que ele exista, ou fomos atrás de outros credos, que julgávamos mais “fortes”...

Não podemos pedir a Deus que nos livre de todas as dificuldades, porque nem com seu Filho ele fez isso. Temos que pedir-lhe, isto sim, que nos conceda *força* para sairmos delas: nos exemplos dados, espalhando currículos nas empresas, para procurar trabalho; estudando para saber responder às questões; indo ao dentista para tratar do dente.

Para meditação: Salmo 94,1-2.6-7.8-9 (Refrão: *Hoje, não fecheis o vosso coração, mas ouvi a voz do Senhor*). Ele é o nosso Deus, e nós o povo sob seu governo, o rebanho que ele conduz.

2ª leitura: Romanos 5,1-2.5-8

Acabamos de considerar, na 1ª leitura, que no meio das dificuldades da vida, podemos cair na tentação de duvidar do amor que Deus nos tem. Por quê?

Porque aprendemos a pôr nossa esperança em nossas boas obras. Éramos ainda crianças, quando nos diziam: “Seja bem obediente, que Deus abençoará você!”. Mas acontece que somos fracos e facilmente nos desviamos do caminho certo. Se as bênçãos de Deus dependessem de nós, nunca estaríamos certos de nossa salvação.

Paulo ensina que a nossa esperança não está fundada nas nossas boas obras, mas no amor gratuito e desinteressado de Deus. Ele nos ama também, mesmo quando o ofendemos.

Como é diferente o nosso amor! “Se nos tratam com ódio — objetamos —, não podemos ser amáveis”. Podemos

sim! Se escolhermos isso, é uma outra questão. Somos, porém, tão mesquinhos que logo pensamos: “E se eu for amável, o que eu ganharei com isso?”.

Nosso Deus demonstra seu amor para conosco pelo fato de *Cristo ter morrido por nós quando éramos ainda pecadores!* (v.8).

Aclamação ao Evangelho: (João 4,42.15) - Louvor a vós, ó Cristo, rei da eterna glória. *Vós sois o salvador do mundo. Senhor, dai-me desta água a fim de que eu não tenha mais sede.* Louvor a vós, ó Cristo, rei da eterna glória.

Evangelho: Jo 4,5-42

A mulher de Samaria, no começo do diálogo com Jesus, somente pensa na água material. Lentamente, porém, começa a compreender e aceitar a proposta do Mestre. É interessante observar seu progresso na descoberta da pessoa de Cristo. Para ela, inicialmente era um *viajante judeu*, no final, juntamente com sua gente, proclama o *Salvador do mundo*.

Este trecho do Evangelho termina com um convite para que todos nós sejamos missionários, isto é, testemunhemos aos outros a obra que Deus realizou em nós.

Nossa conversa começará provavelmente falando dos fatos e problemas da vida, dos preços dos alimentos, da chuva que demora para chegar, da falta de empregos. Mas, depois, começam os assuntos mais sérios: a religião, o Evangelho, a vida cristã, a pessoa de Jesus.

REFLEXÃO

Pedimos milagres, ou rezamos a Deus para termos *força* a fim de resolver os problemas? Escolhemos perdoar a quem nos ofendeu? Para receber a *água viva*, procedemos com sinceridade e reconhecemo-nos pecadores e necessitados diante de Deus?



A luz, símbolo batismal

4º domingo da Quaresma
6 de março

INTRODUÇÃO

As leituras deste domingo foram escolhidas para instrução dos que se preparam para o batismo, visto como iluminação pessoal, mediante a fé, para todo aquele que crê em Jesus Cristo.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura: 1Samuel 16,1b.6-7.10-13a

Após a leitura da narrativa da escolha do menino Davi para ser o rei de Israel, ficamos surpresos pelo modo — para nós desconcertante — como Deus age. “Por que se comporta assim?” — perguntamos.

Quando se trata de escolher alguém para cumprir uma missão importante, parece que ele se “diverte”, agindo contra qualquer lógica, contra o senso comum. Por exemplo, quando decide escolher um povo, o que resolve? Olha para os egípcios tão religiosos, contempla os poderosos babilônios, mas não escolhe nem um nem outro, prefere Israel, *porque é o menor povo* (cf. Deuterônimo, 7,7-8).

Jesus terá o mesmo comportamen-

to. Escolherá os pequenos, os pecadores, os pobres, os pastores, as pessoas desprezadas, que serão os primeiros convidados ao banquete do Reino. Por quê? A resposta nos é fornecida nesta leitura: *O que o homem vê não é o que importa: o homem vê a face, mas o Senhor olha o coração* (v.7).

O intuito desta narrativa, para os que se preparam para o batismo é ensiná-los que também eles se sentirão levados a julgar conforme as aparências. Enfrentarão problemas e serão tentados a julgá-los com “os olhos dos homens”. Ao passo que, quem escuta a voz do Senhor e abraça a fé, deve aprender a encarar o mundo e os homens com *os olhos de Deus*. É assim que procedemos em nosso dia-a-dia?

Para meditação: Salmo 22,1-3a.3b-4.5.6 (Refrão: *O Senhor é meu pastor: nada me falta*). Estamos nas mãos da Providência divina que cuida sempre de nós com o maior carinho. Nas palavras: *água, força, cálice, óleo*, podemos reconhecer os símbolos que Jesus vai escolher para continuar sendo o Bom Pastor do seu povo.

2ª leitura: Efésios 5,8-14

Paulo, que define os cristãos como eleitos de Deus, descreve agora esta sua escolha como uma passagem das trevas para a luz.

Passagem que é resultado da obra de Cristo-Luz e da nossa aceitação, o que nos torna luz. Nossa luta não é só a de fugir do mal ou fazer o bem, mas também a de denunciar as obras das trevas.

Dessa maneira, vemos o sentido da nossa vida e do destino do mundo à luz de Cristo. Não podemos agir como os que não sabem; não podemos esconder-nos da luz que nos foi dada, sem assim nos comprometermos com um destino de trevas; não podemos recusar professar nossa fé e devemos agir *com toda bondade, justiça e verdade*.

É isso que os outros homens vêem em nossas ações, em casa, no trabalho, na comunidade? Nossas obras podem sempre ser expostas à luz de Cristo?

Aclamação ao Evangelho: (João 8,12b) - Glória a vós, ó Cristo, Verbo de Deus. *Eu sou a luz do mundo, diz o Senhor; aquele que me segue terá a luz da vida*. Glória a vós, ó Cristo, Verbo de Deus.

Evangelho: João 9,1-41

No evangelho do domingo passado, Na mulher da Samaria, no começo do diálogo com Jesus, somente pensou na água material. Os seus desejos eram rasteiros. Lentamente, porém, começou a compreender e aceitar a proposta de Jesus. Hoje, observe-se como é chamado Jesus, durante a narrativa: para as autoridades, para os “que enxergavam”, ele era “aquele homem”, “um tal”, “este”. Os chefes não se dignavam sequer chamá-lo pelo nome. Tinham olhos, mas não capacidade ou não queriam ver quem ele era.

O cego, pelo contrário, percorre o caminho da fé que corresponde ao dos que se preparam para o batismo: no começo, Jesus é para ele um simples *homem*; depois vira *um profeta*; em seguida é *um homem de Deus*; por fim é o *Senhor*.

Este último título é o mais importante; é aquele com o qual proclamam a própria fé. Antes de entrar na água, durante a solene cerimônia da noite da Páscoa, dizem, diante de toda a comunidade: “Cremos que Jesus é o Senhor”. Daquele momento em diante, são chamados “iluminados”.

REFLEXÃO

Olhamos para os excluídos, com os olhos de Deus? Nossas ações são testemunhos de justiça e bondade? Esta verdade: “Jesus Cristo é o Senhor” tem repercussão em nossa fé? 



Cristo, ressurreição para nossa vida

5º domingo da Quaresma
13 de março

INTRODUÇÃO

Só Cristo vence o pecado e os sinais de morte (fome, violência, desemprego). Portanto, nós, seus seguidores, não podemos ser uma comunidade triste, derrotada, mas esperançosa, disposta a sempre lutar pela vida.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura: Ezequiel 37,12-14

Esta profecia se referia ao regresso dos deportados à pátria, mas pode ser aplicada à ressurreição dos mortos. No sentido espiritual, Deus promete abrir os sepulcros — de nossos erros — para nos fazer voltar para uma nova vida. Tenhamos fé na Palavra divina, ela realiza em nós o que significa!

Pelo batismo, dom gratuito de Deus, ressuscitamos de nossa vida de pecado, após nos arrependermos de nossas faltas. Mas, depois de batizados, continuamos sujeitos a cair novamente. Nada de admirar, pois somos fracos e, por nós mesmos, não podemos permanecer na virtude. É sempre Deus

quem nos faz sair de nossas sepulturas (v.13).

Ao nos perdoar, Deus coloca em nós o seu espírito, para que revivamos. Mas não devemos ficar, egoisticamente, “curtindo” nossa re+vida. Como, então, podemos viver essa Palavra de Vida?

Primeiramente, dando exemplo: será pela manifestação de nossos valores cristãos, testemunhados no dia-a-dia, que aqueles que nos cercam poderão se elevar espiritualmente.

Depois, olhando para as necessidades dos irmãos, lutaremos por sua dignidade e cidadania. Daremos de comer a quem tem fome ou os ajudaremos para que isso se realize. Dividiremos nossas roupas com quem não tem. E não nos descuidaremos das outras obras de misericórdia.

Para meditação: Salmo 129, 1-2.3-4ab.5-6.7-8 (Refrão: *No Senhor está a graça, copiosa redenção.* O salmista implora o perdão dos pecados, confiante que a misericórdia de Deus é maior que suas culpas. Mas não a guarda só para si. Anuncia a graça da redenção para todo o povo.

2ª leitura: Carta aos Romanos 8,8-11

Paulo ensina que Jesus ressuscitou porque possuía em plenitude o espírito de Deus.

Nossa vida tem um começo e um fim. A de Deus não. Ele não nasceu e não morre nunca. Para Jesus, um dia, terminou a vida material, mas o espírito de Deus, que ele tinha em plenitude, ressuscitou-o.

Também nós, que recebemos no batismo esse mesmo Espírito não podemos morrer. A nossa vida material, a exemplo da vida terrena de Jesus que acabou, também terminará. Mas não será o fim de tudo.

O mesmo Espírito que ressuscitou Jesus nos fará também viver eternamente. Esta é a fé cristã. Ela ensina

que a morte corporal, de que teríamos sido isentos se nossos primeiros pais não tivessem pecado, será vencida, quando nos for restituída a salvação.

Aclamação ao Evangelho: (Jo 11,25-26) - Louvor e honra a vós, Senhor Jesus. *Eu sou a ressurreição e a vida, diz o Senhor; aquele que crê em mim não morrerá para sempre.* Louvor e honra a vós, Senhor Jesus.

Evangelho: Jo 11,1-45

Somos convidados pela Liturgia a ler os 45 versículos do capítulo 11 de João, mas o milagre mesmo da ressurreição de Lázaro só é narrado nos versículos 43-44.

Desamarrai-o e deixai-o andar (v.44) é o convite dirigido por Jesus a todos nós que choramos pela ausência de uma pessoa querida. Com certeza, é doloroso ser deixado por um amigo, mas seria atitude egoísta pretender segurá-lo sempre conosco. Seria como querer impedir uma criança de nascer!

O dia de nosso batismo é o de nossa ressurreição. Naquele momento, recebemos a vida que não acabará nunca mais. Não se trata de esperança na ressurreição, no último dia, no fim do mundo, mas do dom de uma vida nova que não terá mais fim, agora.

Nosso modo de agir reflete essa nossa fé? Ainda estamos amarrados aos nossos maus hábitos?

REFLEXÃO

Vivenciamos nossa fé, doando-nos aos irmãos? Nossa fé na vida eterna não é negada, na prática, por nosso apego aos bens terrenos? Nossa vida testemunha que nós “vemos” além das realidades materiais? Cremos que entre este mundo e o de Deus já não há barreiras e que se passa de um para o outro sem morrer?

LEITURAS SEMANAIS DAS MISSAS DE FEVEREIRO

4.^a SEMANA DO TEMPO COMUM

1^o - TERÇA: Hb 12,1-4 = Corramos ao combate, olhar fixo em Jesus. Sl 21. Mc 5,21-43 = A filha de Jairo. A hemorroísa.
2 - QUARTA: *Apresentação do Senhor.* Mt 3,1-4 = O Senhor a quem buscais entrará no seu Templo. Sl 23. Lc 2,22-40 = Meus olhos viram a tua salvação. **3 - QUINTA:** Hb 12,18-19.21-24 = Vós vos aproximastes de Sião, cidade de Deus. Sl 47. Mc 6,7-13 = Jesus envia os doze em missão. **4 - SEXTA:** Hb 13,1-8 = Jesus Cristo hoje, amanhã e sempre. Sl 26. Mc 6,14-29 = Assassínio de João Batista. **5 - SÁBADO:** Hb 13,15-17.20-21 = Recomendações e despedida da carta. Sl 22. Mc 6,30-34 = Jesus se compadece do povo, ovelhas sem pastor.

5.^a SEMANA DO TEMPO COMUM

7 - SEGUNDA: Gn 1,1-19 = Criação do mundo pela palavra de Deus. Sl 103. Mc 6,53-56 = Numerosos doentes recorrem a Jesus. **8 - TERÇA:** Gn 1,20 — 2,4a = Deus cria os animais e cria o homem à sua imagem. Sl 8. Mc 7,1-13 = Controvérsia com os fariseus: preceitos humanos e culto a Deus.



TEMPO DA QUARESMA

9 - QUARTA-FEIRA DE CINZAS. Jl 2,12-18 = Apelo à penitência. Sl 50. 2Cor 5,20 — 6,2 = Reconciliai-vos com Deus. Mt 6,1-6.16-18 = Teu Pai, que vê o que está oculto, haverá de te recompensar. **10 - QUINTA:** Dt 30,15-20 = Ama ao Senhor, teu Deus, e obedece-lhe. Sl 1. Lc 9,22-25 = Quem me quiser seguir, tome cada dia a sua cruz. **11 - SEXTA:** Is 58,1-9a = O verdadeiro jejum. Sl 50. Mt 9,14-15 = Quando se for o esposo, eles jejuarão. **12 - SÁBADO** = Is 58,9b-14 = Se fizeres o bem, encontrarás a felicidade no Senhor. Sl 85. Lc 5,27-32 = Vim chamar à conversão os pecadores.

1.^a SEMANA DA QUARESMA

14 - SEGUNDA: Lv 19,1-2.11-18 = Amarás o próximo como a ti mesmo. Sl 18. Mt 25,31-46 = Obras de caridade, no juízo final. **15 - TERÇA:** Is 55,10-11 = A palavra de Deus não volta sem efeito. Sl 33. Mt 6,7-15 = Como orar. **16 - QUARTA:** Jn 3,1-10 = Nínive se penitencia e se converte. Sl 50. Lc 11,29-32 = O "sinal" de Jonas. **17 - QUINTA:** Est 4,17 = Oração da rainha Ester. Sl 137. Mt 7,7-12 = Quem pede, recebe; quem procura, encontra. **18 - SEXTA:** Ez 18,21-28 = Desejo não a morte, e sim a vida do pecador. Sl 129. Mt 5,20-26 = Perdão e reconciliação antes da oferta a Deus. **19 - SÁBADO:** Dt 26,16-19 = Povo consagrado a Deus, exclusivamente. Sl 118. Mt 5,43-48 = Sede perfeitos como o vosso Pai celeste.

2.^a SEMANA DA QUARESMA

21 - SEGUNDA: Dn 9,4b-10 = Oração de Daniel: Pecamos, Senhor! Sl 78. Lc 6,36-38 = Perdoai e sereis perdoados. **22 - TERÇA:** *Cátedra de S. Pedro.* 1Pd 5,1-4 = Pedro, testemunha dos sofrimentos de Cristo. Sl 22. Mt 16,13-19 = Tu és Pedro, e eu te darei as chaves do reino dos céus. **23 - QUARTA:** Jr 18,18-20 = Conspiração contra o profeta. Sl 30. Mt 20,17-28 = Anúncio da Paixão: Podeis beber o meu cálice? **24 - QUINTA:** Jr 17,5-10 = Escutai a palavra do Senhor. Sl 1. Lc 16,19-31 = Se não ouvirem os profetas... **25 - SEXTA:** Gn 37,3-4.12-13a.17b-28 = José vendido aos irmãos. Sl 104. Mt 21,33-43.45-46 = Parábola dos lavradores homicidas. **26 - SÁBADO:** Mq 7,14-15.18-20 = Jogai os nossos pecados nas profundezas do mar. Sl 102. Lc 15,1-3.11-32 = Parábola do filho pródigo.

3.^a SEMANA DA QUARESMA

28 - SEGUNDA: 2Rs 5,1-15a = Naamã recorre a um profeta estrangeiro para se curar. Sl 41. Lc 4,24-30 = Nenhum profeta é aceito em sua pátria.

Ele, calmo... x ela, agitada...

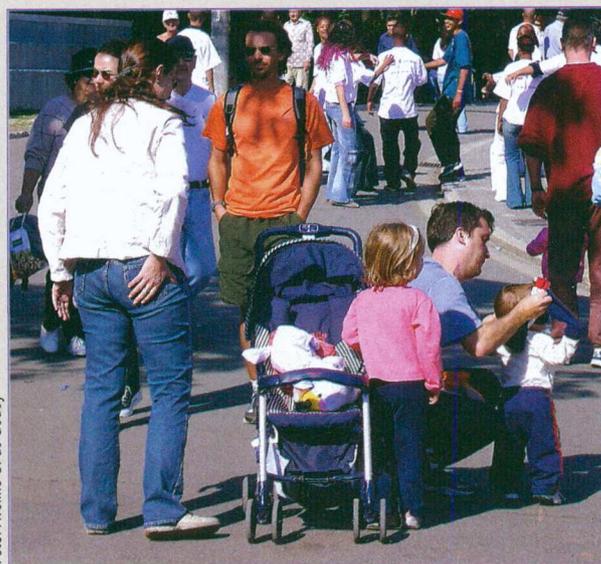
Wimer Botura Jr.

(Continuação)

Em muitas famílias, que sofrem uma série de problemas, desde pequenas brigas até graves sintomas de doenças, podemos observar um tipo de situação bem particular, em que um dos membros é literalmente calado ou aparentemente calmo. Na verdade, é um indivíduo passivo, não reage no tempo da maioria das pessoas. É daqueles que, quando apresentam um problema grave e precoce, as pessoas exclamam: “Quem diria!”.

Este tipo de comportamento gera um elevado grau de irritabilidade com o ambiente de convivência, pois ninguém pode se revoltar contra a calma dessa pessoa, já que fatalmente parecerá injusto. Se alguém ousar se irritar com esse indivíduo passivo, ouvirá comentários do tipo: *Nossa, como Fulano, tão calmo, consegue tolerar você?!* Dependendo da diferença de velocidade de resposta aos estímulos entre duas pessoas, este relacionamento será insustentável ou somente irá perdurar na existência de problemas que deverão se agravar, caso não surja uma forma de equilíbrio nesta relação.

Foto: Avelino S. de Godoy



Experimente demorar um pouco mais para dar respostas às pessoas à sua volta, principalmente de seu convívio diário, e você poderá comprovar esta informação. Não esqueça, experimente só um pouquinho, pois não quero que você se dê mal.

José é um homem calmo. Controladamente calmo. Fala pouco e jamais perde a compostura, pelo menos dentro de sua casa.

Sua esposa, Noeli, ao contrário, é uma mulher, digamos, um tanto agita-

da e irritadiça. Não tem muita paciência com as pessoas e, muitas vezes sem motivos que justifiquem, chega a ser agressiva.

Os amigos do casal, principalmente as amigas, costumam comentar: “Como o José, um homem tão bom, tão calmo, trabalhador, consegue suportar uma mulher daquelas?”. Até agora, ninguém obteve uma resposta convincente.

Os filhos de José e Noeli, também com certa frequência, ficam irritados e brigam muito entre si. Entre um bofetão e outro, um xingamento e outro, muitos berros e

ameaças, a mãe se descabela e tenta apaziguá-los. O pai, por sua vez, não perde a linha e, diante desses atritos, age com todo o seu poder de pai: espera a calma para pronunciar poucas, mas indiscutíveis palavras sobre a melhor maneira de se comportar e ser educado.

José nunca põe em discussão as suas opiniões. Para ele, o mundo é lógico, tudo tem uma razão lógica de ser e existir. Para ele, as inquietações de Noeli são sempre improcedentes — obviamente, dentro desta lógica que ele apre-

goa. José tem explicações primorosas para toda e qualquer questão que lhe apresentem. Melhor dizendo, quando José tem tempo para ouvir alguma questão importante, chega a ser brilhante em suas considerações.

Parece que seus filhos não têm muitas coisas importantes a dizer. Para eles, é difícil provar que suas coisas merecem algum crédito: ambos precisam insistentemente chamar a atenção do pai. Os filhos chamam-no pelo seu nome, pelo seu apelido, pelos gritos... e José demora a atender. É lógico, José está sempre ocupado com os problemas essenciais, como o noticiário da TV, o jornal, o computador, o fax, o trabalho que leva para casa, as contas...

Aline, a filha, depois de tentar a atenção do pai por duas ou três vezes, desiste e acaba procurando a mãe mesmo. Ricardo, o filho, ao ver que quase nunca tem o retorno que acha que merece de seu pai, acaba ficando irritado e sai provocando a irmã, chutando o cachorro ou trancafiando-se no quarto.

Noeli, ultimamente, tem-se queixado de solidão, de falta de sexo, e José, evidentemente, acha que ela está imaginando coisas. Ele até provou que a vida sexual do casal é boa, que sexo não é tão importante assim. José chegou até a insinuar que Noeli tem desejos sexuais meio doentios.

Ultimamente, também, Aline e Ricardo têm apresentado problemas na escola e andam adoentados. Evidentemente, José já entendeu e explicou a todos, com argumentos incontestáveis, as causas desses pequenos males. No mundo em que vivemos, sua família não >>>

Vamos cozinhar?!

Entrada

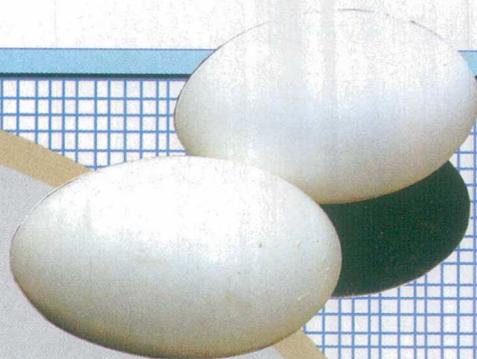
OVOS DUROS

Ingredientes

Ovos,
Folhas de alface,
sal, vinagre e mostarda.

Modo de preparar

1. Cozinhe os ovos em água durante 8 a 10 minutos. Retire-os do fogo e mergulhe-os em água fria.
2. Tire-lhes as cascas, corte-os ao meio e arrume-os sobre folhas de alface.
3. Tempere à vontade com sal, vinagre, mostarda (temperos que devem estar no galheteiro)



Prato principal

CARNE RECHEADA COM FAROFA

Ingredientes

1 kg de alcatra ou coxão mole
Sal, alho, vinagre ou limão,
pimenta-do-reino,
farinha de mandioca,
manteiga ou margarina,
azeitonas, ovos cozidos,
folhas de alface.

Modo de preparar

1. Limpe a carne e bata-a para que fique bem estendida, costurando os pedaços que ficarem muito soltos. Tempere com sal, alho, umas gotas de vinagre ou limão e pimenta-do-reino.
2. À parte, faça uma farofa com farinha de mandioca e manteiga ou margarina, junte-lhe azeitonas e pedaços de ovos cozidos.
3. Ponha a farofa no meio da carne estendida, costure-a com linha grossa e leve ao fogo, em panela com óleo quente. Quando a carne estiver dourada dos dois lados, junte-lhe o molho em que foi temperada e vá pondo água aos poucos, até que ela fique bem macia. Sirva quente em travessa enfeitada com folhas de alface.

Sobremesa

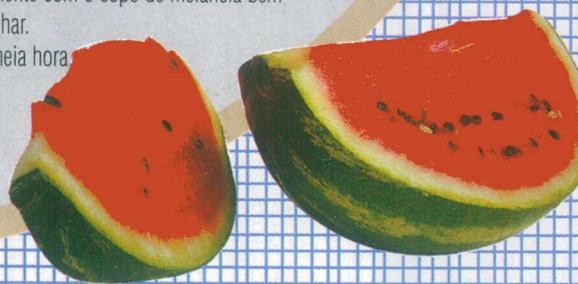
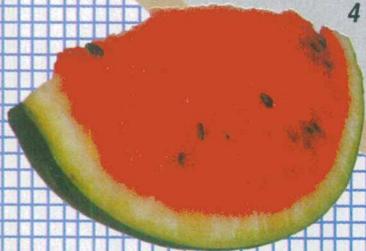
DOCE DE POLPA DE MELANCIA

Ingredientes

4 copos da parte branca da melancia,
1 copo da parte vermelha da melancia,
2 copos de açúcar,
1 copo de água.
1/2 pacote de coco ralado,
4 a 6 cravos.

Modo de preparar

1. Esta receita aproveita a parte branca da melancia, que em geral não é usada. Pique a parte vermelha da melancia, coloque num copo.
2. Com uma colher, vá raspando toda a parte branca, até chegar na casca. Meça 4 copos e coloque-os numa panela juntamente com o copo de melancia bem picadinha, o açúcar e a água e deixe cozinhar em fogo brando durante mais ou menos meia hora.
3. Acrescente os cravos e o coco ralado e cozinhe por mais 5 minutos.
4. Retire os cravos, deixe esfriar e coloque em uma compoteira.



>>> está imune às viroses, alergias e problemas causados pela má alimentação.

Nesta história, não podemos dizer que um ou outro esteja mais certo ou errado, e nem é esta a nossa intenção. Porém, podemos compreender as sutilezas intrínsecas à comunicação deste grupo de pessoas.

José, por exemplo, com sua lógica, sua razão, seus motivos, não leva em conta a

comunicação de Noeli e dos filhos. Por trás disto, talvez esteja a crença de que a mulher é um ser inferior, ou de que as crianças são um problema exclusivo da mãe, e, logo, o homem tem coisas mais importantes com que se preocupar.

Ao mesmo tempo, e provavelmente, a racionalidade de José pode defendê-lo de seus medos, medos de que ele nem sequer tem consciência que existam ou,

no momento, não está interessado em resolvê-los. Com este conjunto de crenças, José não ouve o que seus familiares lhe dizem. Ou seja, neste ambiente onde estes ruídos de comunicação acontecem, não há mais trocas energéticas. Ou melhor, os interlocutores não têm mais energia. (Continua).



Wimer Botura Jr. é médico psiquiatra, psicoterapeuta e autor do livro: Agressões silenciosas, Ed. O.L.M., SP.

MAURI E TUIPÁ

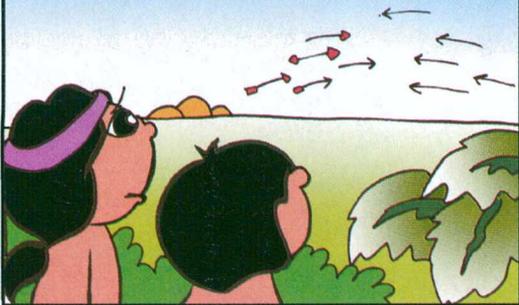
ERA UMA VEZ, DUAS PEQUENAS ALDEIAS HÁ MUITO TEMPO ATRÁS...



... CHAMAVAM-SE MAURI E TUIPÁ. NINGUÉM SABIA BEM POR QUE, SEUS HABITANTES VIVIAM EM GUERRA...



MAS, DOIS AMIGOS, MACUINÃ E TERÁ NÃO CONCORDAVAM COM AQUILO E ENCONTRAVAM-SE ESCONDIDOS...



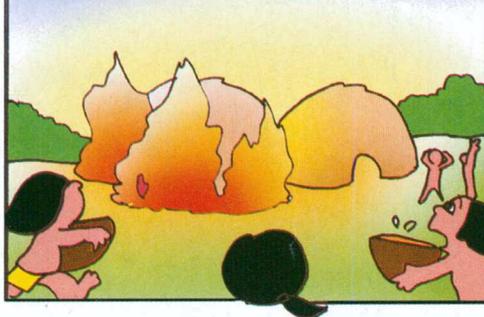
...BRINCAVAM SEMPRE SOZINHOS, SONHANDO QUE, UM DIA, AS CRIANÇAS DAS DUAS ALDEIAS BRINCA-RIAM TODAS JUNTAS...



ATÉ QUE, UM DIA, O IRMÃOZINHO DE MACUINÃ, BRINCANDO, ATEU FOGO NA OCA DA FAMÍLIA...



O INCÊNDIO SE ESPALHOU RAPIDAMENTE PELAS OUTRAS OCAS, E TODOS FICARAM APAVORADOS...



TERÁ ESTAVA BRINCANDO E ACABOU FICANDO PRESO...



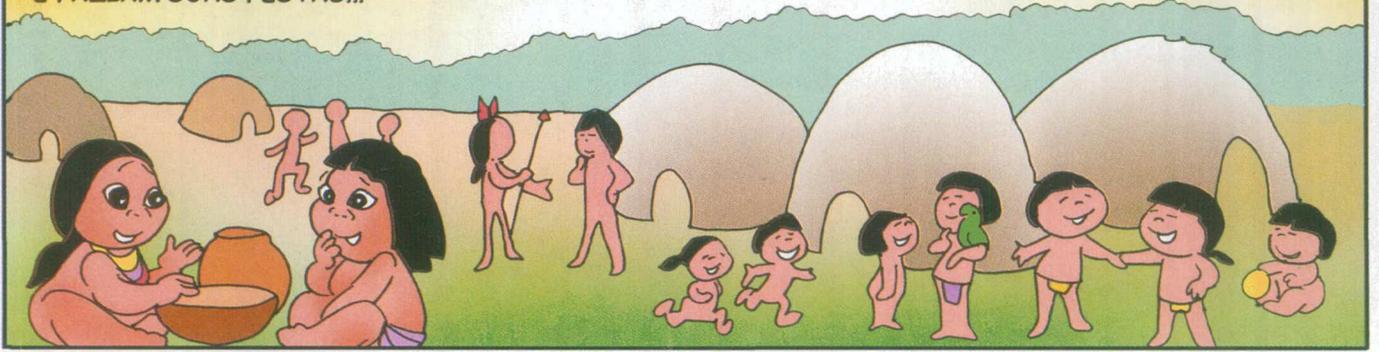
MACUINÃ, VENDO SEU AMIGO EM PERIGO, ARRISCOU-SE INDO PEDIR AJUDA À ALDEIA DE TERÁ...



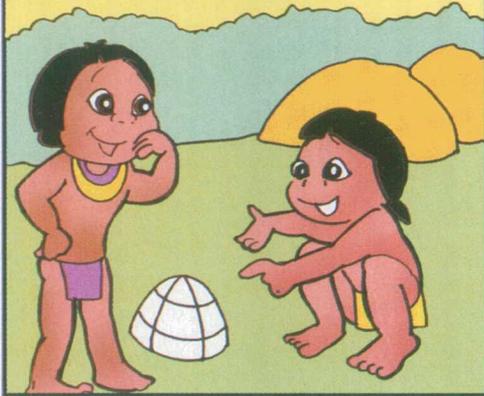
APESAR DAS DIFERENÇAS, TODOS OS ÍNDIOS DE MAURI CORRERAM PARA AJUDAR A ALDEIA TUIPÁ, ONDE ESTAVA TERÁ...



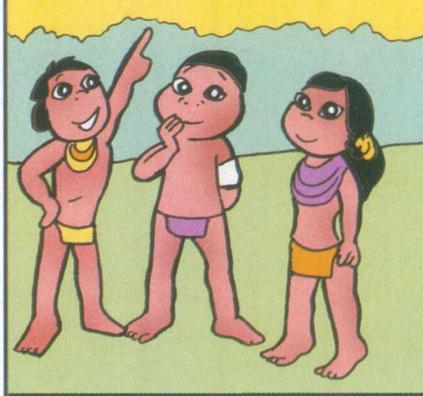
A PARTIR DESSE DIA, AS ALDEIAS TORNARAM-SE AMIGAS; JUNTAS, DEFENDIAM-SE, CAÇAVAM E FAZIAM SUAS FESTAS...



COM ISSO, APRENDERAM MUITAS COISAS NOVAS...



...TROCARAM EXPERIÊNCIAS E GANHARAM NOVOS AMIGOS.



APRENDERAM JUNTOS O SIGNIFICADO DAS PALAVRAS SOLIDARIEDADE E PAZ!



TÁ! AGORA VAMOS AO PIC-NIC!



ORA GENTE, NÓS TEMOS COMIDA DE SOBRA! VAMOS COMEÇAR A COLOCAR EM PRÁTICA O QUE ACABAMOS DE CONVERSAR! VAMOS DIVIDIR!

ISSO MESMO! E ESSA ALDEIA AQUI VAI TER UM CANTINHO SÓ PRA ELAS!

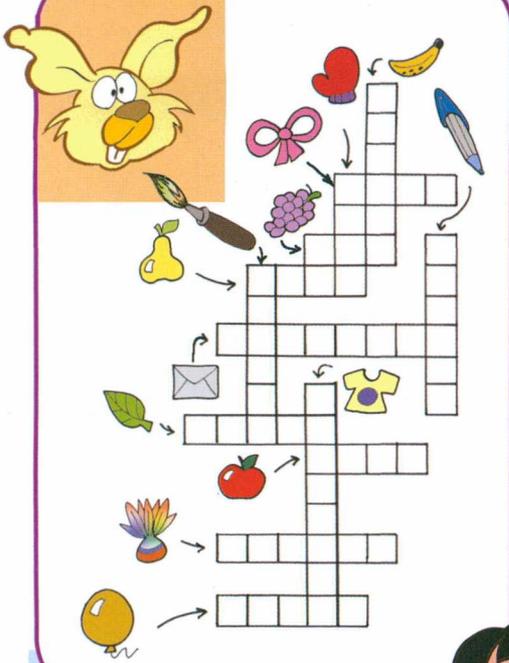


XII! AS FORMIGAS ESTÃO ATACANDO NOSSA COMIDA!!



fim

VAMOS COMPLETAR?



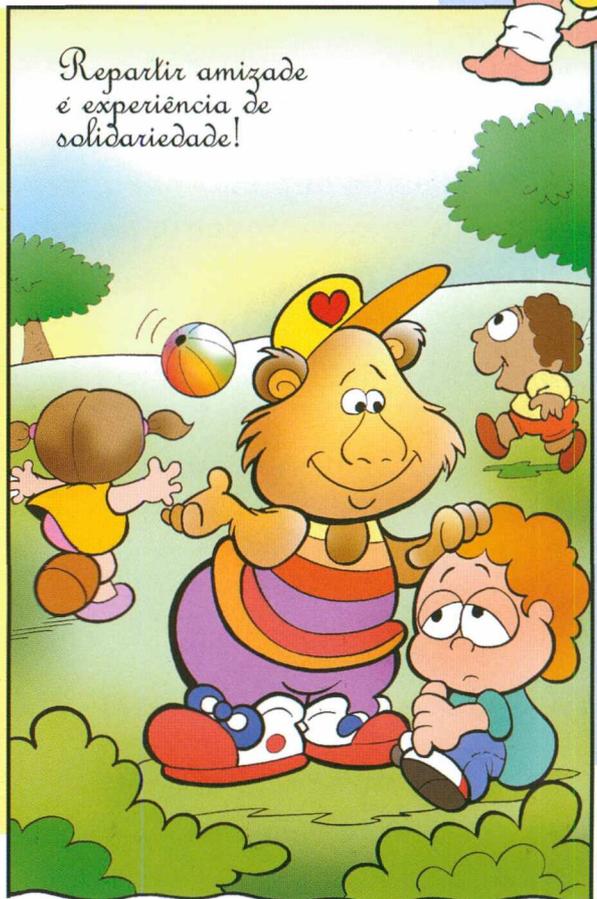
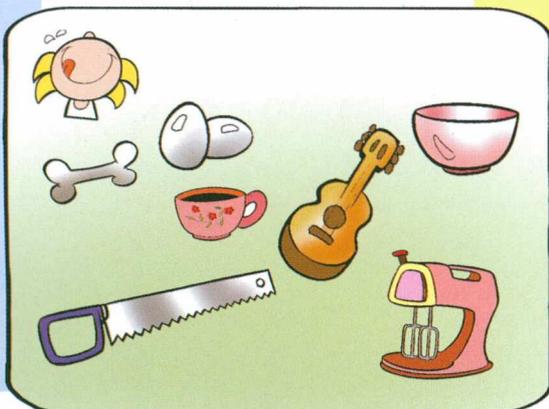
Encontre a sombra de cada bichinho!



Qual destes detalhes pertence à cena abaixo?

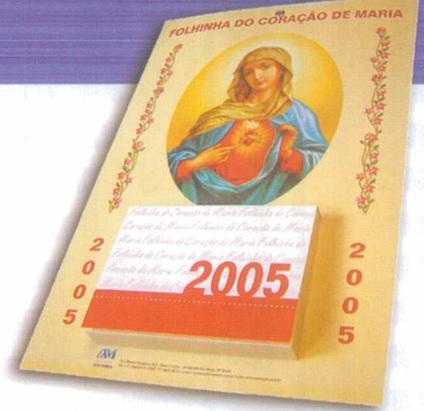


Circle o que você precisa para fazer um bolo!



PROMOÇÃO PARA NOVAS ASSINATURAS

IMPRESSO FECHADO - PODE SER ABERTO PELA E.C.T.



Grátis!

**ESCOLHA
UMA FOLHINHA PARA VOCÊ
E UMA PARA CADA NOVO
ASSINANTE!**

- Renove **SUA ASSINATURA** da revista Ave Maria por mais um ano e consiga **UM NOVO ASSINANTE**. Você ganha **1 FOLHINHA** e o novo assinante ganha **OUTRA**.
- Junte o valor da **RENOVAÇÃO** de sua assinatura (R\$ 25,00) ao valor da **ASSINATURA NOVA** de um amigo ou parente seu (R\$ 25,00) e deposite o total: **R\$ 50,00** em uma das contas abaixo:
 - Banco Itaú - Agência 0061 – Conta Corrente 51519-3 ou
 - Banco do Brasil - Agência 2445-7 - Conta Corrente 8646-0
- Em nome de: **CMF - Revista Ave Maria.**

Depois envie os cupons abaixo preenchidos juntamente com uma cópia do comprovante de depósito para:

**Revista Ave Maria - R. Martim Francisco, 636 - 1º andar
CEP 01226-000 São Paulo, SP**

- Mais informações: **Ligue grátis 0800-555-021**

A Para renovar minha assinatura. Meu código de assinante:

Nome completo:

Endereço:

..... Cidade: Est.: CEP:

Tel.: (.....) Assinale com "X" o número de uma das folhinhas **1 2 3**

Assinatura Data...../...../.....

B A nova assinatura da Revista Ave Maria é para:

Nome completo:

Endereço:

..... Cidade: Est.: CEP:

Tel.: (.....) Assinale com "X" o número de uma das folhinhas **1 2 3**

AVE MARIA
REVISTA MENSAL - FUNDADA EM 28.05.1898
TELS.: (11) 3666-2128 / 3823-1060
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP

Impresso Especial
5406/2001 DR/SP/M
AVE MARIA
CORREIOS